Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Quarta-feira 17.7.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 699 / € 1,50 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

PODIA TER ESPERADO POR AGOSTO

Entrevista a César Mourão sobre o novo filme. Realizador e ator, contracena com Júlia Palha PÁGS. 26-27

ELEIÇÕES?

ESTADO DA NAÇÃO DECIDE-SE EM OUTUBRO. "CÁLCULOS ELEITORAIS" LIMITAM PS

- Sondagem DN/JN/TSF. Maioria está insatisfeita com situação política (56%) e não acredita que Governo dure os quatro anos (53%)
- A economia abranda e o Orçamento vem com travões
- É na Justiça e na Saúde que a nação está em pior estado PÁGS. 4-9

Habitação
Preço das casas subiu 5% até março, uma tendência que deve agravar-se PÁG. 19

EUA
Há unanimidade em torno de Trump. Biden volta às críticas e à campanha PÁG. 20

Kylian Mbappé à imagem de Ronaldo
O mesmo sonho e objetivos no Real Madrid PÁGS. 24-25

Eurodeputados portugueses
Ucrânia é preocupação comum para os cabeças de lista PÁGS. 10-12

Questionário de Proust do ChatGPT
Isabela Valadeiro
ATRIZ E MODELO
"Aprendi que a vida, quando partilhada, é mais bonita" PÁG. 18

ESCOLAS 2300 professores reformados até agosto agravam o "saldo negativo" PÁG. 15

Até ver...

Leonardo Ralha
Grande repórter do Diário de Notícias

Houellebecq e a teoria do mal menor

O romancista francês Michel Houellebecq, amado por muitos e odiado por ainda mais, pelos seus livros e pelas suas entrevistas, terá motivos para encenar um sorriso perverso, mesmo grotesco, ao observar a situação política francesa. Derrotada a Reunião Nacional, graças a um sistema eleitoral de círculos uninominais disputados a duas voltas – criado à medida para travar a ascensão da extrema-direita quando esta ainda se chamava Frente Nacional e era liderada pela geração anterior da família Le Pen –, o país mergulhou na ingovernabilidade, com a absoluta relativização da maioria obtida pela Nova Frente Popular.

Sucedem-se as manobras para encontrar um primeiro-ministro capaz de fazer a coabitação com o presidente Emmanuel Macron, que nos últimos anos viu o seu centrismo encolher da maioria absoluta para a relativa, antes de só não ficar ainda mais minoritário devido às desistências cruzadas com a aliança que federou praticamente toda a esquerda, o que impediu que a Reunião Nacional fizesse equivaler ao maior número de votos um maior número de deputados.

No Palácio do Eliseu, Macron olha para o peso que resta ao partido que criou em 2016, um ano antes de derrotar Marine Le Pen pela primeira vez, como um meio de condicionar os vencedores das eleições antecipadas. Vê-se ao espelho como demiurgo de uma solução que abranja partes da Nova Frente Popular (socialistas e ecologistas, sobretudo), juntando-lhes os seus e talvez até o que subsiste da direita tradicional.

Sendo claro que afastar da governação a França Insubmissa, do radical de esquerda Jean-Luc Mélenchon, verdadeira locomotiva eleitoral da Nova Frente Popular, seria uma traição à vontade dos franceses, aumentando a quantidade de eleitores que se consideram excluídos pelo "sistema", como se não bastassem os dez milhões que votaram na Reunião Nacional, é muito possível que seja a solução menos má para um grande problema.

Mas verdadeiramente complexo é o problema de fundo: em França, como em grande parte do mundo, a ideia da escolha do mal menor, com todos os riscos que acarreta, sedimenta-se nos regimes democráticos. As reais perspetivas de uma maioria absoluta dos extremistas da Frente Nacional, que seria possível e até provável caso não tivesse ocorrido o voto útil que Marine Le Pen e o seu candidato a primeiro-ministro, Jordan Bardella, apelidaram de "alianças contranatura", levaram a que muitos franceses abrissem as portas do poder a outros extremistas, mas de sentido contrário.

Se uns culpam os estrangeiros pobres, quando não os pobres em geral; outros culpam os estrangeiros ricos, quando não os ricos em geral; se uns poderão querer deportar milhões, outros poderão querer confiscar milhões. Todos garantem respeitar a democracia, mas é legítimo, e até prudente, admitir que tal perceção possa variar perante determinadas circunstâncias.

Michel Houellebecq terá motivos para sorrir perante este cenário porque previu as consequências do mal menor em *Submissão*, romance que lançou no início de 2015, prevendo que as Presidenciais francesas de 2022 ficariam marcadas pela vitória de Mohammed Ben Abbes. O jovem presidente do recém-criado partido Fraternidade Muçulmana triunfaria sobre Marine Le Pen na segunda volta, contando para tal com o apoio do centrista François Bayrou, que em troca seria nomeado primeiro-ministro pelo novo chefe de Estado. As consequências não se fariam esperar: a França seria islamizada, com a legalização da poligamia, a proibição do acesso das mulheres ao trabalho e a necessidade de conversão ao Islão para poder dar aulas.

Nada disto aconteceu em França, tanto em 2022, como em 2024, ainda que a bandeira francesa tenha sido por vezes minoritária entre as que se viram nos festejos dos apoiantes da Nova Frente Popular. Mas começa a haver judeus com receio de viver num país que assiste a manifestações em que milhares advogam festivamente a erradicação de Israel.

E no horizonte estão as Presidenciais de 2027, às quais Macron não se pode recandidatar, e em que o ferozmente anticapitalista Jean-Luc Mélenchon pode muito bem aparecer como o mal menor entendido como necessário para travar Marine Le Pen pela terceira vez. E não deixa de ser irónico, quase numa escala houellebecquiana, que tal cenário se torne tanto mais provável quanto maior for o grau de exclusão da França Insubmissa no rescaldo destas Legislativas.

OS NÚMEROS DO DIA

562

VOTOS PARA ROBERTA METSOLA A presidente do Parlamento Europeu, foi ontem reconduzida no cargo até ao início de 2027, com ampla maioria de votos (90,2%) e por aclamação. Eurodeputados do PCP e BE apoiaram outra candidata.

MILHÕES DE € O Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB) vai investir mais de sete milhões de euros (ME) na construção de uma nova residência de estudantes e na renovação de outra, anunciou ontem a instituição.

155

MIL € DE PRÉMIO será dado aos militares que abaterem o primeiro caça F-16 norte-americano na Ucrânia, anunciou ontem o Ministério da Defesa russo.

5

CANDIDATOS para 108 vagas de Oficiais de Justiça foi o que a Direção-Geral da Administração da Justiça (DGAJ) registou no concurso aberto para ingresso nesta carreira, revelaram ontem à Agência Lusa fontes sindicais da classe.

17.7.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

ELEIÇÕES?

Estado da Nação decide-se em outubro. "Cálculos eleitorais" limitam PS

Luís Montenegro Primeiro-ministro
Nuno Melo Presidente do CDS
André Ventura Presidente do Chega

PARLAMENTO Deputados avaliam hoje, num debate que vai durar quase quatro horas, os 106 dias de Governo. Calendários eleitorais e "pressões" travam socialistas e sustentam manutenção da AD no poder. Momento decisivo na governação de Montenegro só vai acontecer depois do verão.

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

"Cálculos eleitorais" e três datas: 10 de outubro de 2024 e 9 de setembro de 2025. É esta a epígrafe para os próximos meses que inclui, por força do calendário eleitoral, o 28 de setembro ou o 5 de outubro de 2025 – dias em que devem decorrer as próximas Eleições Autárquicas.

Traduzindo: 10 de outubro de 2024 é o dia limite para que a proposta de Orçamento do Estado dê entrada na Assembleia da República; 9 de setembro de 2025 é o momento a partir do qual Marcelo Rebelo de Sousa fica impedido de dissolver a Assembleia da República; e acresce as Autárquicas, as mais importantes dos últimos 12 anos: há 118 presidentes de câmara que chegaram ao limite dos três mandatos. E sempre que tal acontece 40% das autarquias muda de partido.

Que cenários se preparam? O Presidente da República tem insistido recorrentemente na argumentação de que é "muito prioritário", pressionando Pedro Nuno Santos, a aprovação do OE2025. Para além da "estabilidade política", Marcelo Rebelo de Sousa tem alertado principalmente para o risco de se perder a "oportunidade única" dos fundos europeus – o chumbo do Orçamento, é essa a convicção em Belém, vai colocar inevitavelmente em causa o cumprimento atempado do PRR e o Portugal 2030.

Apesar da "água na fervura", como refere fonte social-democrata, que Cavaco Silva tentou colocar [solidificando as palavras de Montenegro de que só sai com uma moção de censura] ao dizer que "não há nenhum drama se [o OE] não for aprovado", a realidade é que, para Marcelo Rebelo de Sousa, os cenários são claros: "Ou há uma crise política eleitoral, ou uma crise política não-eleitoral, que é o Executivo governar por duodécimos, de uma forma precária, enfraquecido, e em que a gestão dos fundos europeus imediatamente é atingida."

A frase do ex-Presidente da República teve, por isso, uma leitura "imediata" junto de alguns setores da AD: Cavaco "pressionou" Marcelo a não dissolver o Parlamento em caso de chumbo do Orçamento do Estado. A dúvida? Terá o Presidente da República argumentos "suficientes" para o fazer?

A "pressão", como diz ao DN fonte do PSD, não passou "despercebida" ao PCP que já assinalou a "incoerência" de que "aquilo que era inevitável [para Marcelo] há dois anos parece que agora já não é inevitável. Se o Orçamento for chumbado, o que é que altera face à situação de há dois anos?"

2,9

Mil Milhões É o total, até agora, de acréscimo de despesa que inclui a redução do IRC, o apoio aos pensionistas, o fim do Imposto de Selo nas operações de tesouraria, a redução no IRS, o IRS Jovem, a contabilização dos anos de carreira dos professores, o suplemento para as forças de segurança e a isenção de IMT, entre outras medidas. PS critica uma perda de receita motivada por uma "ânsia eleitoral".

"Romper" com uma "estabilidade de política" que não serve o país, nem os trabalhadores, e também o PCP, é prenúncio da disponibilidade dos comunistas para uma moção de censura que derrube o Governo de Luís Montenegro, para além do voto contra no OE2025.

Na AD cresce a "certeza" de que a Pedro Nuno Santos não resta outra alternativa senão a de "viabilizar", negociando, o Orçamento do Estado. E até é sublinhada a mais recente frase do líder socialista e uma palavra: "Cederemos."

"Disponibilidade para conversar, para cedermos também, na mesma medida que do outro lado também há disponibilidade para ceder", garantiu o secretário-geral do PS.

Daí que, primeiro, Castro Almeida, ministro-Adjunto e da Coesão Territorial, e depois Paulo Núncio, antigo secretário de Estado dos Assuntos Fiscais e atual líder parla-

"Temos de refletir sobre qual é a forma correta com que nós devemos estar na política e ter a coragem para enfrentar momentos difíceis."
Pedro Nuno Santos Secretário-geral do PS

"Podem pedir ao Governo que aproxime posições, mas não podem pedir ao Governo que deite abaixo os seus alicerces."
Luís Montenegro Primeiro-Ministro

"Espero ver, com júbilo, o Orçamento para 2025 aprovado. Seria a confirmação da maturidade dos portugueses."
Marcelo Rebelo de Sousa Presidente da República

"Não há ninguém em Portugal que queira novas eleições, inclusive os políticos (...). Para isso, o Governo tinha de ter outra atitude."
André Ventura Presidente do Chega

"A Iniciativa Liberal, como aliás disse logo desde o início desta legislatura, fará aquilo que considerar que é desejável para os portugueses."
Rui Rocha Presidente da IL

Marcelo Rebelo de Sousa Presidente da República

Rui Rocha Presidente da IL

Rui Tavares Porta-voz do Livre

Paulo Raimundo Secretário-geral do PCP

Mariana Mortágua Coordenadora do BE

Pedro Nuno Santos Secretário-geral do PS

Inês Sousa Real Porta-voz do PAN

mentar do CDS, tenham manifestado a "certeza" de que vai haver Orçamento e "não vai haver eleições antecipadas".

Já o desafio de Luís Montenegro ao PS, proferido no último Conselho Nacional do PSD – "se por um acaso tudo isto não passar de um jogo, então tenham a coragem de deitar abaixo o Governo" –, é entendido, sustentam as fontes ouvidas pelo DN, como um "incitamento" ao partido, uma "afirmação" da liderança e um "estímulo" aos socialistas para que não hesitem na hora de votar o Orçamento.

No PS é também crescente a ideia da "inevitabilidade". As fontes ouvidas pelo DN observam que o constante ceder desde o "praticamente impossível" até ao "abraçar a disponibilidade do PS para construir uma solução comum" com a AD só poderá ter um resultado : aprovar o OE2025.

O "erro inicial" e que "ainda se repete", lamentam, é Pedro Nuno Santos estar, desde o início, a abrir portas para uma aprovação, "quando apenas devia dizer que nada pode dizer sobre um documento que não existe".

Há no entanto outro argumento, e este o líder socialista diz que não existe: os "cálculos eleitorais". Ora, nos autarcas, por exemplo, tal como o DN já noticiou, há o receio e a recusa de um "descalabro", caso haja chumbo do OE e eleições antecipadas, que terá "inevitáveis" consequências nas Eleições Autárquicas – há 54 presidentes de câmara socialistas impedidos de se recandidatarem. Para além desta preocupação, existe outra: que "os projetos que estão em curso" possam "cair", nomeadamente por via de fundos europeus, e os que estão negociados ou a ser negociados com o Governo.

O aviso de Luís Montenegro – "nós cá estaremos para poder dizer aos portugueses o que é que está em causa" – é levado a sério por quem tem de "gerir as expectativas das populações", resume fonte autárquica.

Pedro Nuno Santos afirmou que "quem acha que o PS fará qualquer cálculo em função de resultados eleitorais ou que tem medo de eleições está completamente enganado", porém, as fontes socialistas ouvidas pelo DN, desvalorizam esta "ameaça".

"Todos sabemos que as Eleições Europeias nos disseram que o Orçamento para 2025 está aprovado. Ninguém vai ter coragem para meter umas Legislativas em cima de umas Autárquicas", até porque, sublinham, "não estamos em condições de arriscar instabilidade com mais eleições" e "dar de forma gratuita [ao PSD] argumentos para a vitimização, e com razão, e ao Chega".

Se Pedro Nuno Santos, acrescentam, considera a tarefa do PS "árdua" e nada fácil, o melhor é que siga a "sensatez" pedida pelo Presidente da República.

Quais são as próximas contas eleitorais? As Autárquicas serão a 28 de setembro ou a 5 de outubro de 2025, mas antes disso, a 9 de setembro de 2025, Marcelo Rebelo de Sousa fica impedido de dissolver o Parlamento. Mesmo que o Orçamento do Estado para 2026, em outubro, fosse chumbado só depois da primeira quinzena de março, após as Eleições Presidenciais, é que seria possível dissolver a Assembleia da República. Duas dúvidas são reveladas: "O candidato presidencial do PS, como prometido, não seria castigado pela instabilidade criada? O nosso candidato a primeiro-ministro não seria também penalizado?"

118

Eleições É o número de presidentes de câmara que atingiram o limite dos três mandatos e não podem concorrer nas próximas Autárquicas no mesmo município. Nesta situação sucede que 40% das autarquias muda de partido. PS tem 54 autarcas com esta limitação, o PSD tem 44, a CDU tem 11, o CDS soma três, independentes são cinco e há também um do JPP.

"O Bloco Esquerda não viabilizará um governo de direita, não viabilizará um Orçamento de direita."
Mariana Mortágua
Coordenadora do BE

"Se o Orçamento for chumbado, o que é que altera face à situação de há dois anos?"
Paulo Raimundo
Secretário-geral do PCP

"O Livre não vai viabilizar um Orçamento da AD."
Rui Tavares
Porta-voz do Livre

"O PAN não viabilizará um Orçamento que ponha em causa o que tanto levou a conquistar."
Inês de Sousa Real
Porta-voz do PAN

"É importante (...), não há nenhum drama se não for aprovado (...). Não aprovar orçamentos é banal em alguns países da Europa."
Aníbal Cavaco Silva
Ex-Presidente da República

As famílias portuguesas estão mais contidas a consumir.

NUNO PINTO FERNANDES / GLOBAL IMAGENS

Economia abranda, mas Orçamento vem com travão

SINAIS Situação económica vai mais ou menos bem, embora precise de ser acompanhada, pois prevê-se um caminho acidentado no que falta de 2024 e em 2025. No Orçamento, o lema é usar o travão como exige a Constituição e cumprir à risca o novo Pacto de Estabilidade.

TEXTO **LUÍS REIS RIBEIRO**

Como está a economia portuguesa, após 100 dias de governação PSD-CDS e alguns contributos "indesejados" do PS e da oposição no Orçamento de Estado deste ano (OE 2024)?

A economia vai mais ou menos bem, embora precise de ser acompanhada num percurso que se prevê acidentado no que falta de 2024 e em 2025, consideram vários analistas. Melhor, porque o mercado de trabalho se tem aguentado, amparado pelo turismo e o despertar das obras públicas; pior, porque a economia continua muito vulnerável a prazo por causa da dívida privada e pública, porque depende demasiado do turismo, porque ainda é pouco produtiva e moderna.

No Orçamento, o lema agora é usar o travão como exige a Constituição e cumprir à risca o novo Pacto de Estabilidade Europeu em 2025 (para continuar a ser o "bom aluno" das "contas certas"), e de preferência só com medidas da iniciativa do Governo de maioria relativa do PSD-CDS ou, no limite, algumas medidas da oposição que caibam na caixa orçamental idealizada pela direita que hoje governa. Será esse o repto do primeiro-ministro, Luís Montenegro, e do ministro das Finanças, Joaquim Miranda Sarmento, no debate de hoje do Estado da Nação, que vão voltar a culpar o PS de "irresponsabilidades", como o diploma que alivia o IRS.

A economia

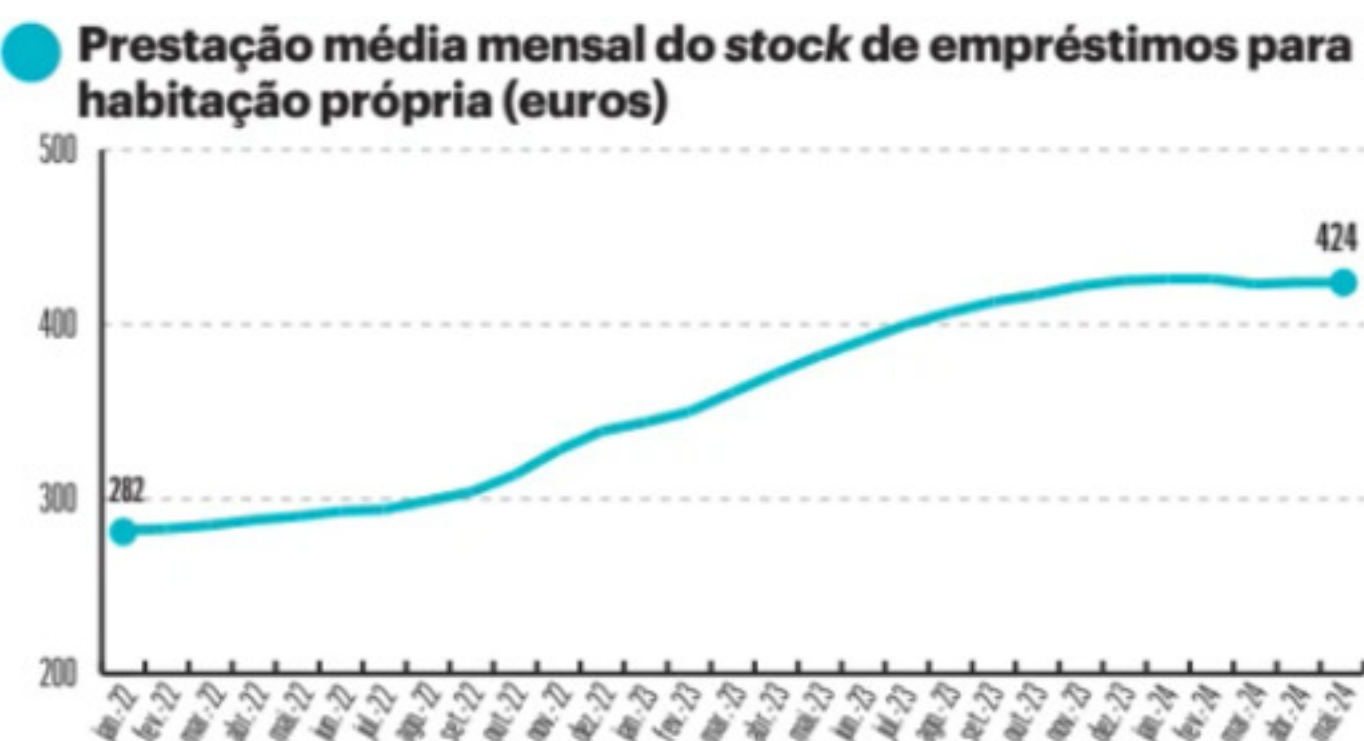
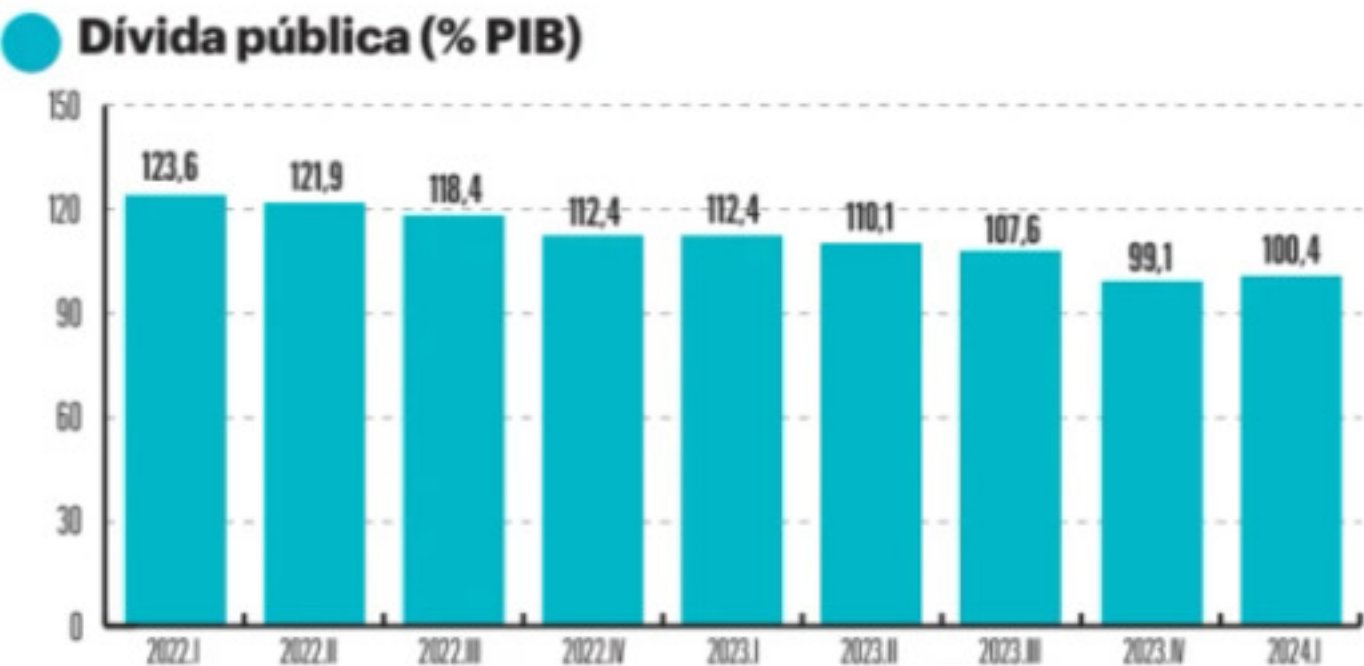
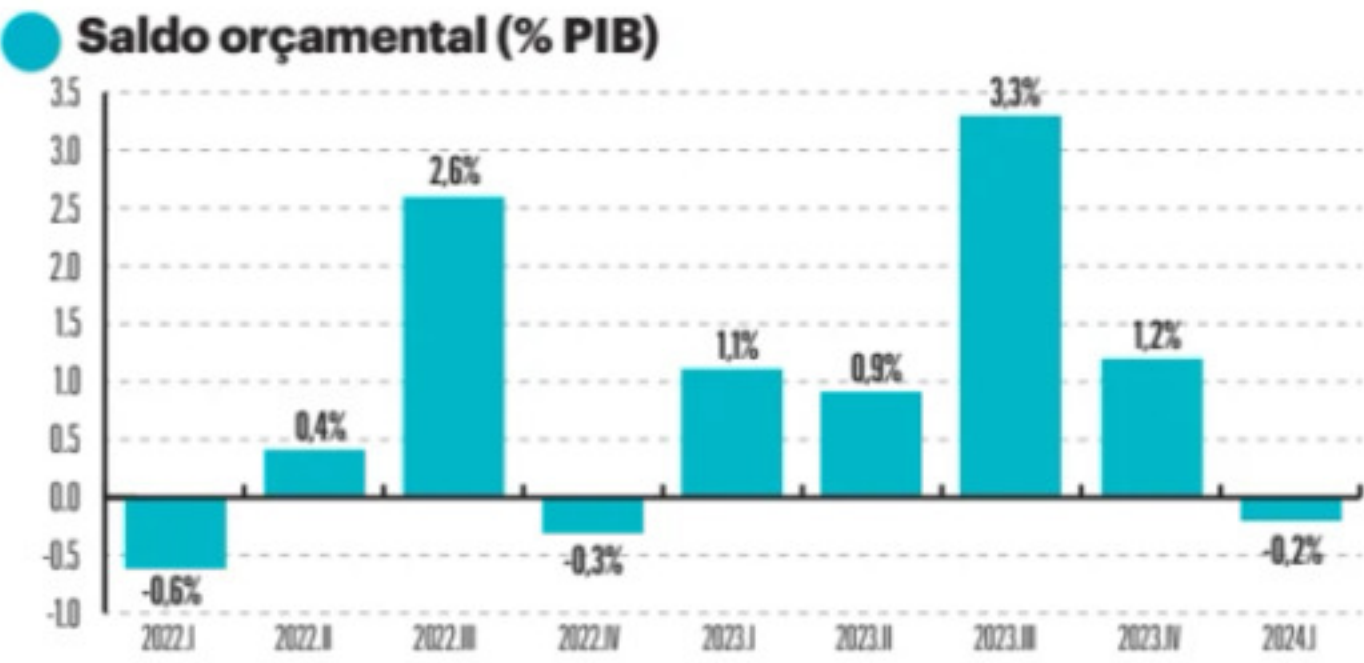
De acordo com analistas e os indicadores mais recentes, a economia está a seguir o compasso dos principais parceiros (da Zona Euro, sobretudo), que estão a sentir o peso da crise ao ponto de alguns já terem entrado em recessão (como a Gigante Alemanha, em 2023) e de a Zona Euro continuar quase estagnada (cresceu 0,4% no primeiro trimestre).

Portugal tem vindo a abrandar, é um facto, mas menos do que muitos desses parceiros importantes da Zona Euro. Tem surpreendido pela positiva. Cresceu 1,5% em termos reais e homólogos no arranque deste ano, embora o indicador coincidente de atividade do Banco de Portugal aponte para uma descida até maio.

Assim é porque há dificuldades, claro, como as que se têm sentido no setor industrial, no investimento empresarial e nas exportações de mercadorias, por exemplo.

O consumo privado também está bem mais moderado, por causa do aumento do custo de vida.

A construção, que costuma ditar o passo da economia como um todo e é um indicador avançado do que se pode esperar daqui a uns meses, até tem resistido, há muitas obras públicas a serem lançadas, agora que o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) e o pacote clássico de fundos europeus parecem ter descolado, finalmente.

Seja como for, os economistas pedem cautela: há sinais de abrandamento, na mesma, o que ajuda a encarecer ainda mais mercados como a crucial habitação, direito fundamental. Fala-se numa "escassez de oferta de habitações" estrutural, quadro onde as

exceções (expansão) são apenas "muito modestas".

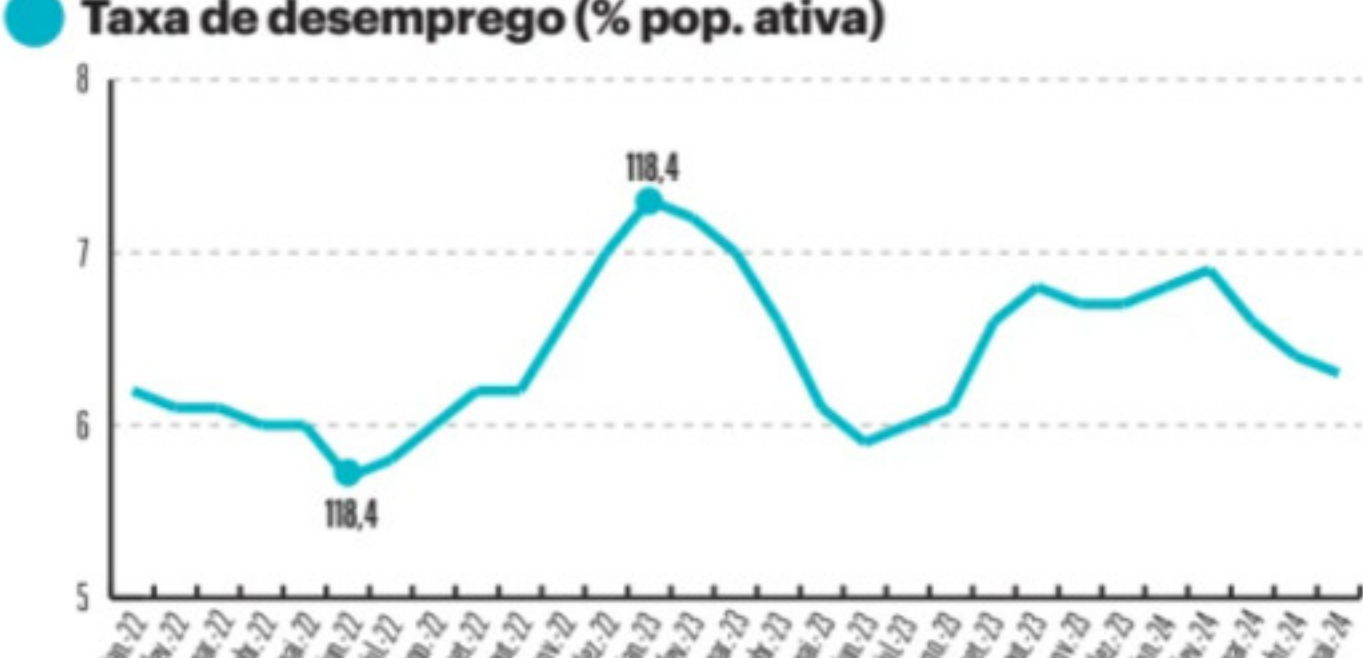
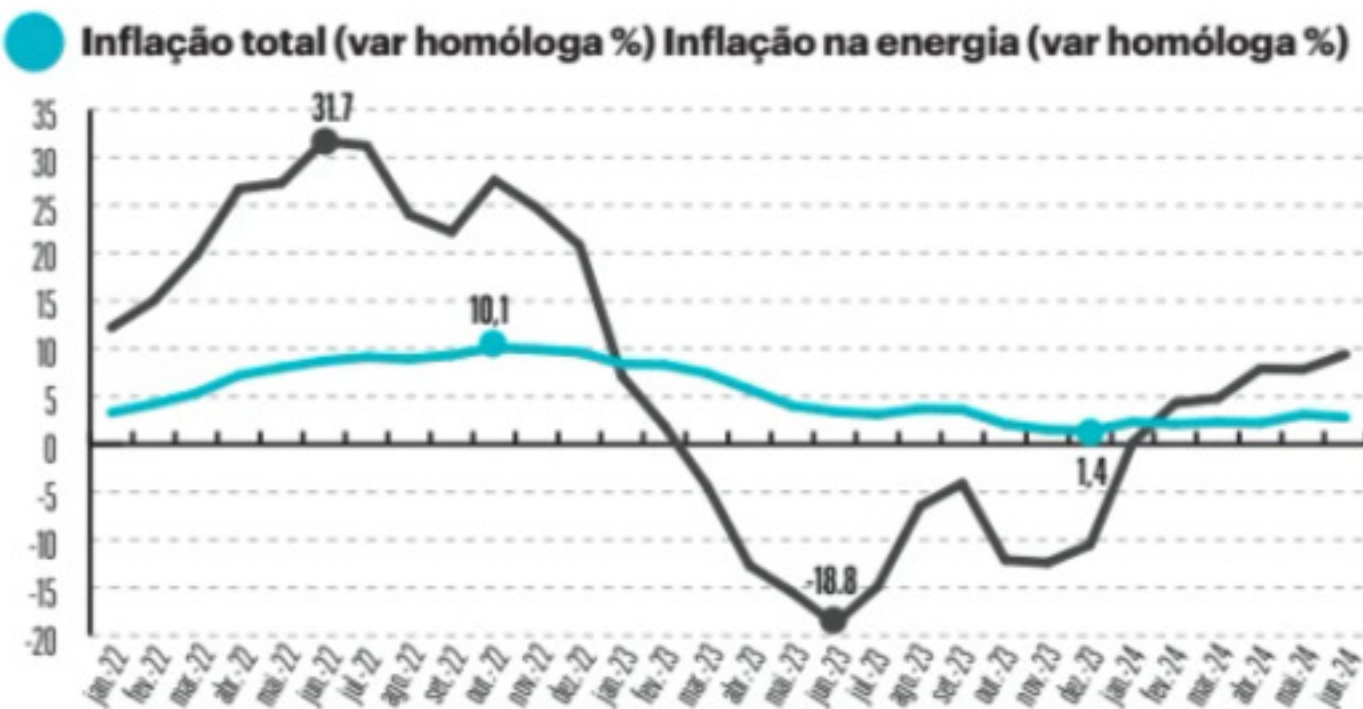
Já o turismo, sobretudo o estrangeiro, parece imparável. Este tem mantido as exportações totais a andar, garantido ao mesmo tempo empregos e níveis salariais relativamente contidos e "competitivos", puxando por outros serviços de apoio empresariais, o mercado imobiliário tem acompanhado bastante, apesar de alguns solavancos, já com sinais de saturação e de preços elevadíssimos no centro das maiores cidades.

O emprego continua a resistir e em máximos históricos, a taxa de desemprego até pode aumentar, mas muito ligeiramente, até ao final deste ano.

Mas, uma vez mais, há o lado meio vazio da questão, claro. O ambiente externo é altamente e cada vez mais incerto, as guerras (Gaza, Ucrânia, etc.) continuam cada vez mais sangrentas, a energia está outra vez mais cara, os bancos centrais (veja-se o caso do BCE – Banco Central Europeu) estão novamente hesitantes na continuidade da descida das taxas de juro que empresas (sobretudo as mais pequenas) e famílias mais endividadas há tanto reclamam.

Em Portugal, o elevado custo dos empréstimos vai corroendo a despesa. Segundo cálculos do DN/DV a partir de dados do banco central, a prestação média bancária (habitação) subiu de 282 euros por mês no início de 2022 (antes de o BCE começar a subir taxas) para 424 euros em maio. É um agravamento superior a 50%.

As famílias estão mais contidas a consumir (agregado da procura interna que vale cerca de dois terços da economia), uma vez que a maioria precisa de manter a guarda e conseguir responder ao agravamento das prestações de crédito, ao ambiente de taxas de juro que até podem aliviar mais, mas num processo que será muito mais lento do que se pensou.

Para ter dinheiro para pagar ao banco no final de cada mês, mas não só. A inflação total mostra sinais de arrefecimento, mas no segmento da energia não desarma e os preços voltaram a disparar no arranque deste ano. Ao passo que a inflação geral está a descer passo a passo, cotando nos 2,8% em junho, o cabaz da energia acelerou para uma inflação que supera novamente os 9% também em junho. No entanto, dizem os peritos, o estado da economia portuguesa não inspira cuidados de maior. Por enquanto.

"As principais notícias relativas a Portugal têm sido favoráveis. Diríamos mesmo que a tendência futura, se tudo o resto não sofrer grandes alterações (importante premissa, dado o contexto político mundial muito complexo que vivemos), será para melhorar, como se pode aferir pelo sentido das revisões de cenários de várias instituições, apreciação de agências de *rating*, retirada de Portugal do Procedimento por Desequilíbrios Macroeconómicos [por parte da Comissão Europeia] e também pela análise de vários indicadores, dos quais nesta publicação destacamos o endividamento do setor empresarial e das famílias, e indicadores de inovação", observa Paula Carvalho, economista-chefe do Gabinete de Estudos do grupo BPI.

Está a referir-se ao desatar do nó do endividamento muito elevado do setor privado. Este tem vindo a baixar gradualmente e, com a perspetiva de o BCE continuar a descer juros (mesmo que devagar), o cenário é hoje menos aflitivo do que no passado.

A analista do BPI recorda que o facto de o país estar a corrigir desequilíbrios macro no setor privado é uma peça importante (juntamente com a disciplina orçamental no setor público) para enfrentar crises futuras, que virão. "Se não forem corrigidos, podem afetar negativamente outras economias e causar ajustamentos fortes em variáveis reais, designadamente na atividade e no emprego, com custos sociais importantes", alerta Paula Carvalho.

O Orçamento

Em termos macroeconómicos, é seguro afirmar que a economia abranda. Nas contas públicas, o ministro Miranda Sarmento diz que é preciso respeitar o travão orçamental que obriga a Constituição e que ajudará o país a respeitar o novo Pacto de Estabilidade.

Hoje, o governante irá defender isso mesmo e voltar a culpar o PS por rombos na estabilidade da governação financeira da coligação de direita.

A norma-travão que Sarmento considera estar a ser violada (espera apenas que o Presidente da República decida o que fazer ao diploma do PS, se envia para fiscalização no Tribunal Constitucional ou não) "consiste num limite à iniciativa legislativa dos deputados, grupos parlamentares e assembleias legislativas das regiões autónomas, proibindo-lhes a apresentação de projetos-lei, propostas de lei ou propostas de alteração a leis que envolvam um desequilíbrio negativo do Orçamento do Estado, através de um aumento das despesas ou diminuição das receitas orçamentadas".

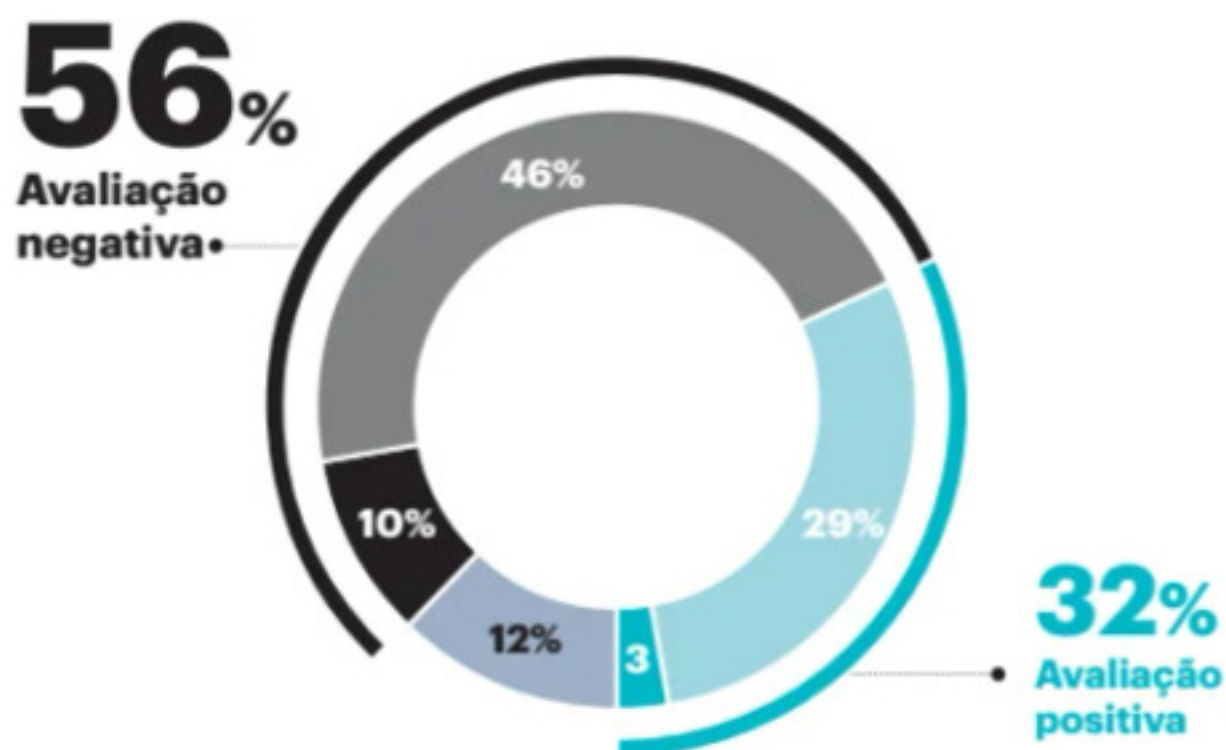
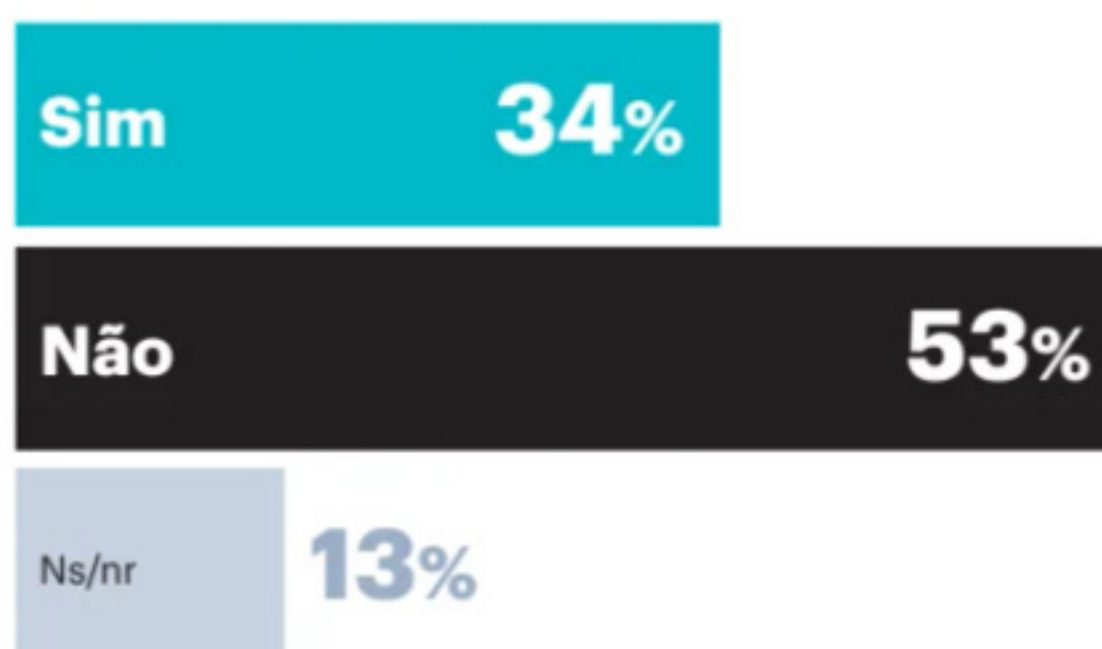
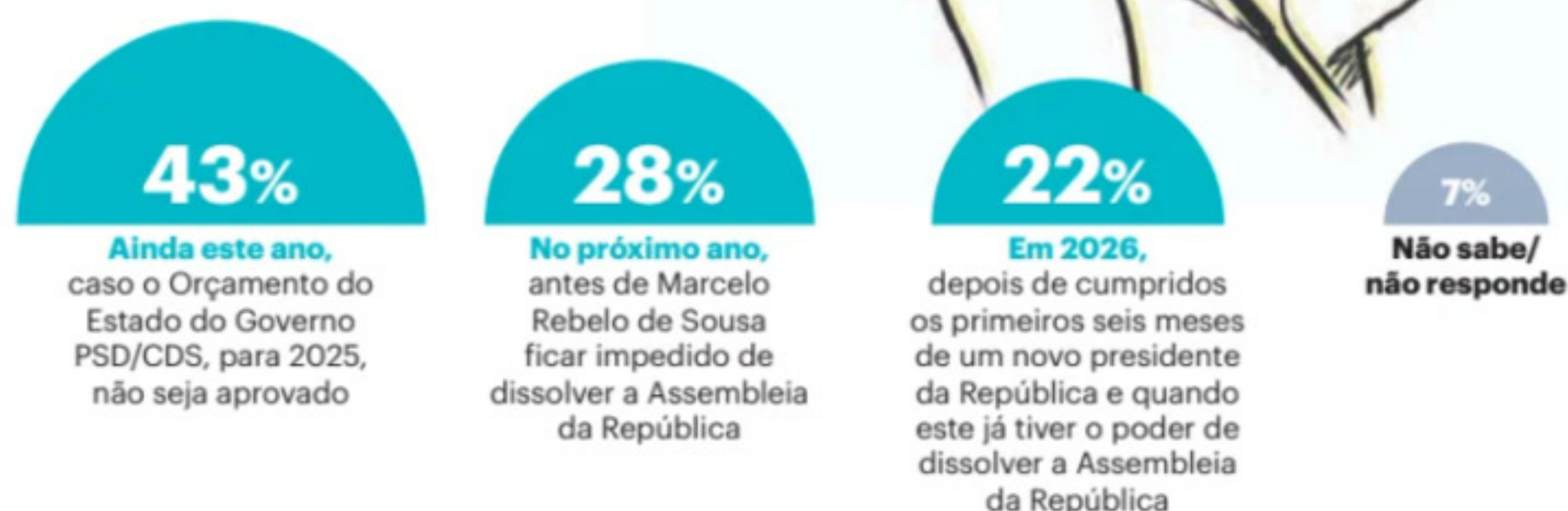
Pelo sim, pelo não, até para circum-navegar mais chatices com o PS e a oposição, o ministro já extraiu do OE2025 dossiês difíceis e que podem complicar a vida do próximo Orçamento. É o caso da valiosa descida da taxa de IRC (de 21% para 15% no final da legislatura) e do novo regime do IVA de caixa para as empresas.

Seja como for, o Governo não se tem feito rogado a avançar com planos que reduzem fortemente a receita (impostos, sobretudo) e vai anunciando medidas valiosas, como reposições salariais em alguns setores grandes da Administração Pública. Tem feito, passo a passo, acordos com alguns sindicatos de professores, de forças de segurança. Com os profissionais da Saúde a coisa está mais complicada.

Tudo somado, e apesar dos riscos de derrapagem e da incerteza da própria economia, Miranda Sarmento promete entregar um excedente neste ano e nos próximos na casa dos 0,2% a 0,3% do Produto Interno Bruto (PIB).

"Este Governo minoritário pode enfrentar obstáculos significativos para legislar ao longo do tempo e necessitar de apoio numa base casuística. A aprovação do OE2025 constituirá, provavelmente, o primeiro grande teste para o Governo da AD", espera Javier Rouillet, o analista principal que acompanha Portugal, na agência de *rating* DBRS.

Em todo o caso, este observador antecipa que "o Governo deve continuar a seguir uma política orçamental sólida e a reduzir o rácio da dívida pública durante a próxima legislatura, utilizando o espaço orçamental disponível para reduzir impostos".

luis.ribeiro@dinheirovivo.pt

Maioria está insatisfeita com situação política (56%) e não acredita que Governo dure os quatro anos (53%)

SONDAGEM Se houver uma crise que precipite eleições, Pedro Nuno Santos será o mais beneficiado (40%). Seguem-se André Ventura (27%) e Luís Montenegro (15%).

TEXTO **RAFAEL BARBOSA**

A maioria dos portugueses está insatisfeita (56%) com o estado do país político, de acordo com uma sondagem da Aximage para o DN, JN e TSF. As eleições de março passado conduziram a um cenário fragmentado e instável no Parlamento e deram origem a um Governo minoritário. E 53% dos inquiridos não acreditam, por isso, que o Governo se aguente em funções até ao final da legislatura, em 2028.

Luís Montenegro enfrenta hoje, no Parlamento, o seu primeiro debate do Estado da Nação. Um primeiro-ministro que, depois de três meses em funções, é, indiscutivelmente, o político mais popular do país (59% dão-lhe nota positiva, de acordo com o barómetro mais recente). Mas, por outro lado, é um líder partidário que se arriscaria a perder Eleições Legislativas, se as houvesse (o PS regista uma vantagem de dois pontos sobre a AD nas intenções de voto, de acordo com a sondagem publicada domingo passado).

Cenário negativo

Estaríamos, na verdade, perante um empate técnico. Com um país ancorado à direita, graças ao Chega, o parceiro que a AD rejeita. E uma ala Esquerda que, mesmo com um PS na frente, não seria capaz de conquistar uma maioria. O mesmo cenário, afinal, que resultou das últimas Legislativas: fragmentação e instabilidade. Um cenário que 56% dos portugueses consideram negativo (um terço acha que é positivo). Um sentimento maioritário, note-se, em todos os segmentos da amostra (geografia, género, idade, classe social e voto partidário). Também os eleitores da AD estão insatisfeitos (49%).

> A crença na capacidade de resistência de Luís Montenegro vai crescendo: em abril passado, eram apenas 21% os que criam que conseguisse aguentar os 4 anos. Agora são 34%.

Daí a concluir que o Governo não vai conseguir manter-se até ao final da legislatura parece um pequeno passo. E é isso que diz também uma maioria dos inquiridos (53%), ainda que, nesta matéria, se destaque a dissidência dos eleitores do PSD e CDS: 56% apontam para um Governo em funções até 2028. Acresce que a crença na capacidade de resistência de Luís Montenegro vai crescendo: em abril passado, e perante a mesma pergunta, eram apenas 21% os que acreditavam que fosse capaz de aguentar os quatro anos. Agora são 34%.

O primeiro grande teste a essa capacidade de resistência não será o debate do Estado da Nação, um momento de balanço que cairá rapidamente no esquecimento. O teste do algodão está marcado para setembro e outubro, com a discussão do Orçamento do Estado para 2025. Entre a maioria que adivi-

FICHA TÉCNICA
Sondagem de opinião realizada pela Aximage para DN/JN/TSF sobre temas da atualidade nacional política. Universo: indivíduos maiores de 18 anos residentes em Portugal. Amostragem por quotas, obtida a partir de uma matriz cruzando sexo, idade e região. A amostra teve 801 entrevistas efetivas: 682 entrevistas online e 119 entrevistas telefónicas; 390 homens e 411 mulheres; 176 entre os 18 e os 34 anos, 215 entre os 35 e os 49 anos, 197 entre os 50 e os 64 anos e 213 para os 65 e mais anos; Norte 285, Centro 177, Sul e Ilhas 110, A. M. Lisboa 229. Técnica: aplicação online (CAWI) de um questionário estruturado a um painel de indivíduos que preenchem as quotas pré-determinadas para pessoas com 18 ou mais anos; entrevistas telefónicas (CATI) do mesmo questionário ao subuniverso utilizado pela Aximage, com preenchimento das mesmas quotas para os indivíduos com 50 e mais anos e outros. O trabalho de campo decorreu entre 3 e 8 de julho de 2024. Taxa de resposta: 75,32%. O erro máximo de amostragem deste estudo, para um intervalo de confiança de 95%, é de +/- 3,5%. Responsabilidade do estudo: Aximage, sob a direção técnica de Ana Carla Basílio.

nha um final precoce do Governo, essa é a principal barreira: 43% dizem que será o momento mais provável para nova crise política (28% apontam para o próximo ano e 22% para 2026).

Vantagem socialista
No caso de o Governo cair antes do tempo, quem teria mais a ganhar com nova dissolução da Assembleia da República e eleições antecipadas? As respostas a esta pergunta não apontam para maiorias, mas há uns mais favoritos do que outros: 40% dos inquiridos apontam para Pedro Nuno Santos e o PS (com destaque para os que têm 65 ou mais anos, com 52%); e 27% para André Ventura e o Chega (com destaque para os que têm 18 a 34 anos, com 38%).

O atual primeiro-ministro e o PSD (ou a AD, se a coligação com o CDS se mantiver em futuros atos eleitorais) só recolhem 15% de favoritismo. Que é uma outra forma de dizer que são quem tem mais a perder com uma eventual crise política. Até os eleitores da Aliança Democrática adivinham que a situação será mais vantajosa para Pedro Nuno Santos (38%), ainda que a diferença seja de apenas um ponto para Luís Montenegro (37%).

rafael@jn.pt

65%

Descontentes Os portugueses com 65 ou mais anos são os mais insatisfeitos com o estado político do país (65%) entre os diferentes segmentos sociodemográficos. Por voto partidário, são os eleitores à Esquerda (CDU, Livre e PS, por esta ordem).

44%

Tranquilos São os eleitores do Chega os mais cómodos com a situação de fragmentação, instabilidade e um Governo minoritário: 44% dizem que é positivo. Os homens também estão bastante mais satisfeitos (38%) do que as mulheres (27%).

68%

Instabilidade Os mais convencidos de que o Governo não vai durar os quatro anos da legislatura são os que residem na Região Norte (68%). E de novo os que votam à Esquerda, embora desta vez com os eleitores liberais a juntarem-se-lhes (67%).

É na Justiça e na Saúde que a nação está em pior estado

DIAGNÓSTICO Portugueses também estão preocupados com a situação na Economia, imigração, Emprego e Educação. Montenegro deve dar prioridade à Saúde no debate.

Os portugueses estão pessimistas quanto ao Estado da Nação, de acordo com uma sondagem da Aximage para o DN, JN e TSF. Quando se pede que avaliem seis áreas, o balanço é negativo, com destaque para a Justiça (79% dizem que a situação é má) e para a Saúde (69%). E quando se pergunta qual deveria ser o tema prioritário a levar por Luís Montenegro para o debate no Parlamento, a Saúde volta a estar em lugar de destaque (34%).

O barómetro político deste mês já indiciava que há um problema que preocupa os portugueses mais do que qualquer outro, com reflexos na avaliação aos membros do Governo. Se o primeiro-ministro é o político mais popular e os restantes ministros estão em maré alta, há uma exceção: a ministra com a tutela da Saúde, Ana Paula Martins, está em queda. E isso ajuda a explicar por que é a Saúde é o problema que os inquiridos consideram prioritário para o debate do Estado da Nação (34%), à frente de temas como a habitação (21%) ou os salários (20%).

A escolha deste tema revela que a Saúde é uma preocupação, mas o que demonstra verdadeiramente a insatisfação é o facto de 69% responderem que o estado da Saúde em Portugal é mau. Uma avaliação transversal a todos os segmentos da amostra, incluindo os que votam na AD (71%), e os que votam no PS (65%).

Pessimismo sénior
A Justiça é um tema mais distante do dia a dia dos cidadãos, mas está no foco mediático, em particular desde a demissão de António Costa, por causa de suspeitas do Ministério Público, que não se confirmaram. E é nesta área que os portugueses revelam maior pessimismo: 79% dizem que a situação é má, com destaque para os mais velhos (90%).

Neste catálogo de disfuncionalidades surge em terceiro lugar a Economia: 63% dizem que está em mau estado, percebendo-se que são os mais novos os mais insatisfeitos (75%). Praticamente no mesmo patamar estão o Emprego e a imigração (63% avaliam a situação como má, mas esta última área destaca-se pelos 30% que dizem ser muito má).

A fechar, a Educação, com 60% de insatisfação, verificando-se que é uma área que preocupa mais as mulheres do que os homens, da mesma forma que os mais velhos estão mais pessimistas do que os mais novos. Nos segmentos de voto partidários, os mais críticos são os eleitores da Iniciativa Liberal e do Livre.

DESAFIOS DA LEGISLATURA PARA OS NOVOS EURODEPUTADOS

EPA / CHRISTOPHE PETIT TESSON

Os novos eurodeputados, 21 deles portugueses, tomaram posse em Estrasburgo.

"Travar extrema-direita tem de ser prioridade"

Marta Temido
50 anos, Eurodeputada do PS. Socialistas & Democratas

Para a antiga ministra da Saúde, cabeça de lista do PS nas Eleições Europeias quando o seu nome era tido como provável grande aposta nas Autárquicas de 2025, procurando retirar a presidência da Câmara de Lisboa a Carlos Moedas, o combate à extrema-direita é encarado como um desafio pessoal e político no seu mandato no Parlamento Europeu. "Assumo o compromisso de me bater, todos os dias, contra os partidos xenófobos, homofóbicos, intolerantes e radicais", garante a eurodeputada socialista, rosto da vitória do partido a 9 de junho, para quem "travar a extrema-direita tem de ser uma prioridade diária e permanente".

"Ucrânia é o mais incontornável dos muitos desafios que se colocam à União Europeia"

TEXTO **LEONARDO RALHA,** EM ESTRASBURGO

EUROPA Principais eleitos portugueses para o Parlamento Europeu revelam os maiores desafios que antecipam para os próximos cinco anos. Ideias quanto às prioridades da União Europeia variam entre direta e esquerda, tal como a avaliação das reformas em curso. E até há quem cite Zeca Afonso de forma inesperada.

A Ucrânia é a principal constante nos desafios dos próximos cinco anos apresentados ao DN pelos eurodeputados portugueses que foram cabeças de lista nas eleições para o Parlamento Europeu, onde todos assumiram ontem mandato pela primeira vez. Mesmo sem unanimidade absoluta na abordagem, com o comunista João Oliveira a criticar o militarismo e a bloquista Catarina Martins a equiparar a situação com a da Palestina, o apoio a quem resiste à invasão russa junta Marta Temido e Sebastião Bugalho, principais figuras nacionais das duas maiores famílias políticas europeias.

Para a antiga ministra da Saúde, que levou a lista do PS à vitória eleitoral, o fim da guerra na Ucrânia é a primeira das prioridades políticas dos eurodeputados, correspondendo aos problemas que mais preocupam os europeus.

"Todos julgávamos impossível uma guerra na Europa, em pleno século XXI. Uma guerra que dura há mais de dois anos, com consequências dramáticas. Uma guerra que convoca o nosso apoio incondicional e irrenunciável aos ucranianos", diz Marta Temido.

Decorrente da guerra, que trouxe "uma inflação que agravou as dificuldades das famílias, degradando as condições de vida numa Europa que se quer um espaço de bem-estar", a eurodeputada socialista – que se estreia no Parlamento Europeu, tal como outros seis eleitos do PS, sendo a única exceção o regressado Francisco Assis – destaca o aumento do custo de vida, com ênfase na habitação.

"Como nós, os socialistas, sempre dissemos, a habitação é um problema europeu que afeta, sobretudo, os mais jovens e a classe média", diz Marta Temido, defendendo que é necessário "agir rapidamente" para inverter a situação,

"Empenho e vontade com equipa coesa"

Sebastião Bugalho
28 anos, Eurodeputado do PSD. Partido Popular Europeu

Pronto para iniciar cinco anos de mandato, depois de aceitar um convite de Luís Montenegro que o fez deixar o comentário político, Sebastião Bugalho encara o desafio "com empenho e vontade". Destaca "a sorte de contar com uma equipa coesa, inter-regional e multidisciplinar", que inclui a social-democrata Lídia Pereira (única a transitar da legislatura anterior), o vice-presidente do PSD Paulo Cunha, e figuras experientes nos meios comunitários, como a centrista Ana Miguel Pedro e o social-democrata Paulo do Nascimento Cabral. E quer "continuar a acreditar que são as nossas propostas que melhor defenderão a voz dos portugueses na Europa".

"Sinto-me como peixe dentro de água"

Tânger Corrêa
72 anos, Eurodeputado do Chega Patriotas pela Europa

Envolvido na criação do grupo de direita radical Patriotas pela Europa, Tânger Corrêa tem a certeza de que décadas de carreira diplomática o puseram no sítio certo e à hora certa. "Sinto-me como peixe dentro de água", diz um dos dois eleitos pelo Chega, acerca da sua participação num "contexto internacional de negociações, de troca de argumentos e de respeito, ao contrário da política nacional, onde não há respeito nenhum". Habituado a viver fora de Portugal, como embaixador e cônsul em países como Israel, Egito, Catar, Sérvia, Índia e Brasil, destaca que será um dos vice-presidentes da sua família europeia. "Melhor do que isto não poderia ter", conclui.

"Fazer um esforço grande para não me aculturar"

João Cotrim de Figueiredo
63 anos, Eurodeputado da Iniciativa Liberal. Renew Europe

Do ponto de vista pessoal, a ida do ex-líder da Iniciativa Liberal para o Parlamento Europeu, que admite estar a ser "fisicamente difícil", implica o desafio de manter "um equilíbrio saudável com a vida familiar". Mas "honrar um mandato que quase 360 mil pessoas deram" levanta outra prioridade perante "uma máquina muito mais complexa" do que encontrou na Assembleia da República: "Vou fazer um esforço grande para não me aculturar a uma forma de fazer política que não é a que quero fazer a longo prazo." Até porque, diz Cotrim de Figueiredo, "quando vejo algo que não faz sentido, digo-o e vejo o que se pode mudar". A bem do resultado do Projeto Europeu.

"Trabalhar em alianças vastas para progressos"

Catarina Martins
50 anos, Eurodeputada do Bloco de Esquerda. Grupo da Esquerda

A ex-líder bloquista tem a convicção de que "nada é mais perigoso para a Europa, e para cada um dos nossos países, do que a ideia de que, face aos riscos que vivemos, tudo o que podemos ambicionar é não ficar pior". E, face ao crescimento de "forças que se alimentam dos ódios e das fraturas sociais", quer contribuir para a construção de uma alternativa anticapitalista. "Contrariar a ideia dos extremos (porque não se pode nunca equivaler os herdeiros dos nazis e fascistas com os herdeiros de quem os combateu e venceu), e trabalhar em alianças vastas para progressos efetivos é o que mais me motiva neste mandato", diz.

"Não deixar qualidade do trabalho diminuir"

João Oliveira
45 anos, Eurodeputado do PCP. Grupo da Esquerda

Após 15 anos na Assembleia da República, o comunista tem em curso uma "integração acelerada". "Vou procurar ter, o mais depressa possível, clarificado o quadro de intervenção", diz João Oliveira, realçando a "vantagem de contar com um coletivo com experiência no Parlamento Europeu". Conta com essa ajuda para participar no esforço da esquerda para apresentar "uma alternativa ao neoliberalismo, federalismo e militarismo", sem deixar de ser exigente consigo: "Tenho a preocupação acrescida de que o meu relativo distanciamento do trabalho do Parlamento Europeu possa ser vencido rapidamente, para não deixar a qualidade do trabalho do PCP diminuir."

"com respostas concretas de mais investimento público em mais habitação pública", mas igualmente com a melhoria das condições e dos rendimentos do trabalho.

Por último, citando o ex-primeiro-ministro (e futuro presidente do Conselho Europeu) António Costa, quando este disse que "há mais pessoas preocupadas com o fim do mês do que com o fim do mundo", Marta Temido espera que a frase seja invertida nos próximos anos, com uma transição verde que "é urgente, tem o apoio dos jovens, mas tem de respeitar o princípio de que ninguém pode ficar para trás".

Por seu lado, Sebastião Bugalho concorda que garantir paz na Ucrânia e segurança na Europa é um "desafio incontornável", mas realça que está longe de ser o único. "Do alargamento à reaproximação do Reino Unido, há desafios que ocorrerão em simultâneo", faz notar o antigo comentador político que encabeçou, como independente, a lista da Aliança Democrática, que elegeu sete eurodeputados, incluindo a centrista Ana Miguel Pedro. Entre as prioridades que antevê inclui-se a "estabilização do mercado único, depois de um período de ajudas do Estado de grande dimensão, reforçando a capacidade de atração e retenção de jovens em cada Estado-membro".

Já no que toca às migrações e ao ambiente, onde já existe acordo quanto a metas e a prazos, o eurodeputado realça que "é preciso escrutinar a sua implementação de forma ativa", declarando-se confiante no contributo da delegação portuguesa. Aliás, numa conjuntura em que a União Europeia terá de acautelar cadeias de abastecimento "mais próximas e fiáveis, capazes de assegurar maior competitividade e reindustrialização", Bugalho assinala a "enorme vantagem estratégica, dentro da família europeia", que decorrer da "estabilidade de excecional" do sistema político português, "apesar de uma soma de novidades relevantes no espaço político não-socialista". Algo que demonstra com a eleição de 17 deputados que rotula de europeístas, num total de 21.

"Podemos e devemos beneficiar dessa estabilidade como ativo estratégico para posicionar Portugal nas negociações do próximo quadro financeiro plurianual, da Coesão à Inovação, da Agricultura às nossas regiões ultraperiféricas, que nunca esquecemos, até pela nossa dimensão marítima e atlântica", diz, acrescentando ser "necessário ter mais voz na Europa". Algo que não passa só pelo Parlamento Europeu, mas também pelo número de quadros portugueses nas instituições e direções-gerais, "que decresceu nos últimos anos de forma preocupante".

> Marta Temido (PS) defende que é necessário "respostas concretas de mais investimento público em mais habitação pública".

Críticas à União Europeia

Para Tânger Corrêa, que foi cabeça de lista do Chega, partido que se estreia no Parlamento Europeu, um grande desafio de base levou à criação dos Patriotas pela Europa, grupo dinamizado pelo primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán, e que contou com as três dezenas de eleitos da Reunião Nacional francesa para se tornar o terceiro maior grupo do Parlamento Europeu.

"Queremos dar voz aos cidadãos, que estão muito dissociados da bolha totalitária e federalista da União Europeia", diz o diplomata, que terá consigo o professor universitário (e ex-deputado do PSD) Tiago Moreira de Sá. Uma das suas prioridades será lutar por um maior controlo da Comissão Europeia, "democratizando a União Europeia, no sentido de uma maior representação". Até porque, citando Zeca Afonso, o embaixador diz que "o povo é quem mais ordena, como na canção".

Entre os desafios que se colocam à União Europeia nos próximos cinco anos, Tânger Corrêa destaca a necessidade de alterar o conceito da Agenda 2030, que "nos princípios parece positivo, mas na aplicação é uma ditadura". E de rever o *Pacto para as Migrações*, que "além de ser insuficiente é também infazível", com "os Estados-membros mais ricos a pagarem a multa, enquanto os mais pobres têm de receber imigrantes".

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

Quanto ao impacto das políticas comunitárias em Portugal, o eurodeputado do Chega advoga um maior escrutínio do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), pois considera "inadmissível que esteja a ter utilização quase exclusiva por empresas públicas e pelo Estado", mas também pretende "ajudas mais equilibradas" na Política Agrícola Comum, sem esquecer uma atenção especial à indústria do mar quando "a frota pesqueira e a marinha mercante estão quase destruídas".

Também estreante ao Parlamento Europeu, o ex-presidente da Iniciativa Liberal (IL), João Cotrim de Figueiredo, vê na "desintegração do eixo Paris-Berlim" uma oportunidade para as instituições comunitárias, ressalvando que, para que tal suceda, "é preciso haver mais visão e coragem". Tal como defendeu na campanha eleitoral, realça que, além de "desafios que vêm de trás", como as transições energética e digital, e aqueles que se tornaram urgentes, nomeadamente na política de Defesa, "devido à Ucrânia e não só", o principal desafio reside no crescimento económico.

Numa altura em que o PIB *per capita* na União Europeia é quase metade do valor do dos Estados Unidos, tornando difícil reter os mais qualificados, o eurodeputado recorda que o continente europeu "já foi a locomotiva do crescimento da economia mundial quando pôs em prática os valores liberais".

"Retomar o orgulho de ser europeu" é o antídoto que defende para contrariar a ascensão dos extremos, que realça ocorrer tanto à direita quanto à esquerda, enquanto "resultado da inação em temas que interessam às franjas, como a imigração ou a corrupção".

Olhando para o efeito que o alargamento em curso terá para Portugal, Cotrim de Figueiredo – que foi eleito juntamente com Ana Vasconcelos, número dois da lista da IL – adverte para a "gradual redução ou desaparecimento dos fundos de coesão", à medida que a inclusão de países com economias mais fracas eleve a posição nacional na média comunitária. Mas enquanto os fundos existirem será também fulcral uma "atribuição mais rápida e transparente", aliada ao "acompanhamento construtivo e próximo dos benefícios dos projetos", sendo certo que o país "tem de estar preparado para aproveitar o salto" decorrente da integração dos mercados energético e de capitais, tal como do aumento substancial da população da União Europeia.

EPA / CHRISTOPHE PETIT TESSON

Antes da primeira sessão do Parlamento Europeu foi hasteada a bandeira da União Europeia.

Vendo na forma como a recandidata à Comissão Europeia Ursula von der Leyen veio falar consigo, tentando que os liberais ficassem mais convencidos quanto à sua recondução, um sinal de que "Portugal tem de ser mais inteligente na forma como usa a influência na Europa", Cotrim de Figueiredo recorda o motivo pelo qual "não foi adepto" da escolha de António Costa para a presidência do Conselho Europeu.

"Precisamos de mais do que bons construtores de pontes", diz quem garante estar a aproveitar que o Renew Europe, grupo político que integra no Parlamento Europeu, esteja interessado no peso que a IL conseguiu entre o eleitorado mais jovem. "O movimento liberal europeu está envelhecido", reconhece, aludindo ao recuo eleitoral de uma família com grande peso do partido do presidente francês Emmanuel Macron, e que "não tem grande unidade ideológica, pelo que a sua ação política é muito lenta e pouco eficaz".

Alternativas de esquerda

Eleita para o Parlamento Europeu após longos anos de liderança partidária e experiência na Assembleia da República, Catarina Martins julga que o mandato ficará marcado pela resposta que vier a ser dada aos desafios "amplamente reconhecidos" da Paz, do Clima e da Democracia, os quais diz só não serem consensuais entre as forças de extrema-direita, "que semeiam o ódio e são negacionistas".

"A esquerda deve bater-se por uma União Europeia que saiba ser tão clara na denúncia do genocídio em Gaza, como no apoio à Ucrânia", diz a ex-coordenadora do Bloco de Esquerda, insurgindo-se contra a "duplicidade de critérios" e exigindo a afirmação do primado dos Direitos Humanos e o respeito pela autodeterminação dos povos.

> "Estabilização do mercado único depois de um período de ajudas do Estado de grande dimensão, reforçando a capacidade de atração e retenção de jovens em cada Estado-membro", é uma das prioridades para Sebastião Bugalho (PSD).

Quanto às "respostas consistentes de mitigação e adaptação às alterações climáticas", Catarina Martins diz que "não basta anunciar uma transição energética ou climática", realçando que as medidas até agora adotadas "são duplamente perigosas", pois criam novos mercados (nomeadamente o do carbono), ao mesmo tempo que penalizam quem tem menos recursos. A solução preconizada para o desafio "exige investimento público, restrições ao mercado, planeamento ecológico e compensação das populações e trabalhadores afetados".

Convicta de que "é o liberalismo que está a destruir a democracia", pelo que cabe à esquerda "assumir a responsabilidade da construção de uma alternativa anticapitalista que recupere um horizonte de vida melhor para as gerações mais jovens, incluindo nesse horizonte a diversidade de que se faz a Europa e quem nela habita", a única eurodeputada bloquista nesta legislatura vê a "delapidação dos serviços públicos fundamentais, a deterioração dos direitos do trabalho e a privatização de setores estratégicos e bens comuns" como fatores que põem em risco a democracia europeia. Um regime que descreve como tendo sido fundado após a derrota do nazismo e do fascismo, crescendo com o Estado Social e com a ligação entre inovação e progresso social.

Já para o comunista João Oliveira, que entra para o Parlamento Europeu com vasta experiência parlamentar em Lisboa, alguns desafios que devem marcar os próximos cinco anos ganham maior destaque e relevo. Além das preocupações com "a abordagem e as concessões à extrema-direita no âmbito do *Pacto para as Migrações*" e as expectativas quanto ao papel que Portugal "pode ter para contrariar o caminho do militarismo" na Ucrânia e na Palestina, o novo eurodeputado vê na discussão do próximo quadro financeiro plurianual da União Europeia a possibilidade de dar respostas à possível degradação da situação económica e social, "com um empobrecimento em larga escala", tal como o alargamento da União Europeia, que reduz a um "cenário hipotético", trará consigo "um conjunto de implicações".

Quanto a Portugal, o único eleito do PCP nas últimas Eleições Europeias considera que haverá "maior exigência de políticas que tenham em conta as especificidades do país", antecipando "grandes impactos" para as pequenas e médias empresas e a "degradação das condições de vida dos trabalhadores". Além do "aprofundamento dos direitos laborais e sociais", e de apoios aos setores produtivos da Agricultura, Pesca e Indústria, João Oliveira pretende que na discussão do próximo quadro plurianual fique claro se o Orçamento Comunitário "continuará a encolher ou aumentará". E promete lutar por compensações pelos impactos negativos das políticas comuns, começando por apurar "se as verbas do PRR serão descontadas nos fundos europeus a que Portugal terá acesso no futuro".

Para os comunistas portugueses, e para a família europeia que integram no Parlamento Europeu (a mesma do Bloco de Esquerda), impõe-se a "necessidade de colocar com muita clareza uma alternativa ao neoliberalismo, federalismo e militarismo". Com um grau de urgência que João Oliveira considera reforçado pelo "quadro de incerteza a nível nacional".

ANTÓNIO COTRIM / LUSA

Nuno Melo e Paulo Portas durante o encerramento das jornadas parlamentares do CDS.

Nuno Melo confirma diálogo com Forças Armadas sobre valorização salarial

PROMESSA Ministro da Defesa Nacional não adiantou medidas, mas garantiu que "os militares vão ter razões para se sentirem muito melhor".

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

O ministro da Defesa Nacional, Nuno Melo, anunciou ontem que o Governo já reuniu com associações e chefias militares sobre a valorização remuneratória das Forças Armadas, mas não avançou medidas, justificando que o fará no contexto do Governo. Para já, ficam duas promessas: haverá mais reuniões, "nas próximas semanas", e, ainda este ano, "os militares vão ter razões para se sentirem muito melhor".

Nuno Melo discursava no encerramento das *Jornadas Parlamentares do CDS*, na qualidade de presidente do partido. Por este motivo, à margem do encontro partidário, justificou que "este não é nem o momento, nem o local" para anunciar o que o Governo tem previsto para tornar mais atrativa a profissionalização dos militares.

"As medidas que são do Governo têm de ser anunciadas no contexto do Governo, pelo menos no que tem a ver com a Defesa", explicou.

Sobre os encontros entre militares e o Governo, Nuno Melo justificou que "esse caminho já tinha sido feito" e que foi isso que permitiu ao Executivo liderado por Luís Montenegro "identificar as prioridades" para responder aos problemas das Forças Armadas.

Depois de apontar o dedo a "um desinvestimento crónico de muitos anos nas Forças Armadas", Nuno Melo diagnosticou o que precisa de ser resolvido no setor, sem identificar soluções.

"Nós temos hoje problemas de recrutamento e de retenção, porque os salários são baixos", na mesma medida em que "os suplementos não são adequados, o alojamento muitas vezes não existe ou é caro". O governante acrescentou ainda que "muitas instalações não estão recuperadas, o equipamento poderia ser muito melhor e, a par disto, o que tem a ver também com os ex-combatentes, num estatuto que pode ser melhorado com outras garantias que o Estado deve assegurar".

Nuno Melo lembrou também os compromissos assumidos com a NATO, destacando o "investimento que terá de ascender a 2% do Produto Interno Bruto até 2029".

Também o secretário de Estado-Adjunto e da Defesa Nacional, Álvaro Castello Branco, discursou no encontro centrista e afirmou que as prioridades do Governo para as Forças Armadas passam por atualizar os "incentivos ao recrutamento e a retenção dos militares, valorizar os antigos combatentes", e "reforçar ainda mais o investimento e a capacitação pro- dutiva e tecnológica da indústria de defesa", mas com "respeito pelas possibilidades orçamentais", vincou, destacando que "o reforço do orçamento da Defesa deve ser encarado como um investimento público e não como um gasto".

Alinhando com Nuno Melo, também o antigo ministro da Defesa Paulo Portas defendeu que "só é possível" Portugal ter "profissionalização das Forças Armadas com efetivos mobilizados, efetivos motivados".

"Temos de melhorar a retenção e as capacidades de recrutamento. Isso está nas mãos de pessoas como o doutor Nuno Melo e eu tenho a sensação de que terminará bem", avançou, destacando ainda a importância do CDS voltar ao Parlamento.

"Acho que o regime fica pior quando o CDS não está" não está representado na Assembleia da Repóblica, concluiu. **Com LUSA**

Governo avança 15 medidas de combate à burocracia digital em serviços públicos

TRANSIÇÃO Ministra da Juventude anunciou a subida da rede de Lojas do Cidadão, de 72 para 95 até 2026.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

A promessa do Governo é a de cumprir medidas que possam ser executadas e que tenham "impacto" nos cidadãos e nas empresas, confirmou ontem a ministra da Juventude e da Modernização, Margarida Balseiro Lopes, no final do primeiro Conselho de Ministros dedicado à Transição Digital e Modernização. Com base nesta premissa, o primeiro-ministro, Luís Montenegro, apresentou ontem um programa de 15 medidas, para serem implementadas até 2025, com o objetivo de combater a burocracia digital.

Luís Montenegro alertou para os riscos do funcionamento que se verificam no aparelho do Estado, tendo em conta que se foi criando uma burocracia digital ao longo dos anos.

"Em muitas das áreas em que se procurou simplificar, tivemos, afinal, maiores dificuldades de acesso", assumiu o primeiro-ministro, estipulando como objetivos do Governo a interligação entre os departamentos da Administração Pública, com o objetivo de simplificar os procedimentos face a cidadãos e empresas, assim como garantir o acesso a quem tem maiores dificuldades em interagir com novas tecnologias.

Entre as 15 medidas elencadas por Margarida Balseiro Lopes, que surgiram reaproveitando o nome Simplex, justificando que o Executivo não iria "destruir as coisas que foram bem conseguidas", aparece a criação de "um serviço presencial integrado na rede de atendimento" para cidadãos estrangeiros, para que imigrantes possam solicitar, de uma só vez, todos os números de identificação.

Para além disto, há a ideia de desmaterializar os boletins digitais de saúde para grávidas e para jovens, para que os estabelecimentos de saúde públicos, privados ou do setor social possam aceder mais facilmente às informações clínicas dos utentes. Estas duas medidas serão implementadas, de acordo com o Governo, até ao segundo trimestre de 2025.

Segundo este programa, passa a ser também mais fácil mudar de centro de saúde ou de escola quando há alteração de morada.

Também é alterada a validade do passaporte eletrónico português, passando agora a ser válido por 10 anos.

A ministra anunciou ainda, a par das 15 medidas, o alargamento da rede de Lojas do Cidadão, que até 2026, segundo as expectativas do Governo, passarão a ser 95, em vez das 72 atuais. **Com LUSA**

RUI MINDERICO / LUSA

Margarida Balseiro Lopes anunciou as 15 medidas para o digital.

Opinião
Pedro Tadeu

O Escudo Europeu da Democracia protege quem?

Na campanha de recandidatura à Comissão Europeia, Ursula von der Leyen prometeu criar o Escudo Europeu da Democracia para "lutar contra a desinformação e a influência estrangeira". Ela adiantou que este escudo funcionará como uma vacina, que procurará "inocular" nos europeus uma defesa contra o "vírus" das notícias falsas.

Suponho que quando Ursula fala de desinformação se esteja a referir a notícias que ela própria classifica como falsas e perigosas, já que não conheço nenhuma instituição com legitimidade democrática e com critérios coerentes que possa classificar, consensualmente, em todo o espaço da União Europeia, o que é ou não é "desinformação" – acho mesmo impossível criar algo como isso.

Suponho que quando Ursula fala de influência estrangeira nefasta esteja a pensar em conteúdos favoráveis à Rússia, à China ou desagradáveis para Israel. Suponho que a influência senhorial e dominadora dos Estados Unidos ou da NATO nas políticas europeias esteja fora das preocupações da senhora… E a Hungria? Como será?

Suponho que Ursula pensa ser correto mandar um dos seus comissários dizer às grandes companhias da internet (Google, Meta, X/Twitter, Tik Tok, etc.) que se contratarem secretamente umas centenas de funcionários para apagarem todas as publicações inconvenientes, a Comissão, também secretamente, ignorará as suas próprias diretivas e não aplicará as multas (que podem ir até 6% das receitas anuais de cada uma destas companhias) previstas para violações da *Diretiva dos Serviços Digitais*. Elon Musk, o dono do X/Twitter, denunciou isto na sexta-feira passada, disse que as outras companhias aceitaram essa proposta e, até agora, não foi desmentido.

Suponho que quando Ursula se oferece para nos inocular uma vacina contra "o caos" provocado pelas *deep fakes* se esteja a referir à generalização das experiências que, desde há um ano e meio, a UE, a Google e a Jigsaw estão a fazer com o que chamam de *prebunking*, que mais não é do que lançar conteúdos multimédia na Internet que parecem iguaizinhos às *fake news*. A ideia é dizer às pessoas que uma informação falsa como aquela pode vir a aparecer. "Ainda não aconteceu, mas pode vir a acontecer" é o lema deste *prebunking*, a tal "vacina das ideias", uma das ideias de propaganda e de manipulação da opinião pública pelo Estado mais ridículas e perigosas que já vi.

Eu posso supor tudo o que Ursula pensa, mas isso não interessa para nada, pois ela faz o que quer com a sua fúria controladora e ainda recebe o beija-mão de dois terços da classe política europeia – sem que as populações sejam tidas ou achadas no assunto.

O "Escudo Europeu da Democracia", que Von der Leyen anunciou, não protege os europeus dos ataques contra a democracia, protege quem manda na União Europeia do ricochete dos tiros que eles próprios dão à democracia. Alguém tem dúvidas?

O "Escudo Europeu da Democracia", que Von der Leyen anunciou, não protege os europeus dos ataques contra a democracia, protege quem manda na União Europeia do ricochete dos tiros que eles próprios dão à democracia. Alguém tem dúvidas?"

Jornalista

Opinião
Jorge Costa Oliveira

A erosão da liberdade de imprensa na Índia sob o BJP

A deriva autoritária do BJP levou a que, em 2024, a Índia ocupe a 159.ª posição (entre 180 países do mundo) no *Índice da Liberdade de Imprensa*, publicado anualmente pelos Repórteres Sem Fronteiras (RSF).

Sucessivos Governos – a nível federal e estadual, do BJP, do Partido do Congresso e de outros – têm usado leis da era colonial – sobre sedição, difamação e atividades contra o Estado – e leis antiterrorismo para reprimir os média e intimidar jornalistas. Sob a liderança de Modi, o BJP introduziu várias novas leis que dão ao Governo um poder extraordinário para controlar os meios de comunicação, censurar notícias e silenciar críticos.

Em fevereiro de 2023, os escritórios da BBC em Deli e Mumbai foram sujeitos a rusgas após a emissão de um documentário sobre o suposto envolvimento de Modi num surto de violência antimuçulmana em 2002. As autoridades indianas também usaram poderes de emergência para remover publicações sobre o documentário do YouTube e do X/Twitter e detiveram estudantes que se reuniam para assistir ao filme. Um recente episódio do popular programa de sátira política *Last Week Tonight with John Oliver* (HBO) criticando a deriva autoritária de Modi e do BJP foi censurado.

Os RSF referem que "os média da Índia caíram num "Estado de Emergência não-oficial" desde que Modi chegou ao poder em 2014 e engendrou uma aproximação entre o seu partido, o BJP, e as grandes famílias que dominam os média." O magnata M. Ambani, do grupo Reliance Industries, amigo pessoal do primeiro-ministro, é dono de mais de 70 meios de comunicação que são seguidos por >800 milhões de indianos. A aquisição do canal NDTV no final de 2022 por Gautam Adani, outro magnata próximo de Modi, sinalizou o fim do pluralismo nos grandes média e o início da era dos "*Godi media*" (jogo homofónico, em hindi, entre o nome de Modi e a palavra "*lapdogs*") – meios de comunicação que misturam populismo e propaganda pró-BJP.

Em Maio, o *Washington Post* referia que "há cada vez mais casos de censura, vigilância *online* e ataques a jornalistas críticos ao Governo" e "jornalistas indianos têm sido encarcerados com acusações de terrorismo ou praticado autocensura; casas de jornalistas têm sido alvo de buscas e alguns foram acusados de branqueamento de capitais e evasão fiscal". Segundo Sunita Viswanath, diretora executiva da ONG Hindus for Human Rights, "a imprensa está cada vez mais amordaçada, a dissidência é encarcerada e um clima palpável de medo permeia a sociedade."

Com crescente violência contra jornalistas, concentração dos média e alinhamento político, a liberdade de imprensa está em crise na "maior democracia do mundo" e o jornalismo independente tornou-se uma ocupação perigosa.

Com crescente violência contra jornalistas, concentração dos média e alinhamento político, a liberdade de imprensa está em crise na "maior democracia do mundo" e o jornalismo independente tornou-se uma ocupação perigosa."

Consultor financeiro e business developer
www.linkedin.com/in/jorgecostaoliveira

O 1.º ciclo do Ensino Básico é o que tem menos professores com 50 ou mais anos: 42,1%.

ARTUR MACHADO / GLOBAL IMAGENS

Reformas na Educação a caminho de recorde: até agosto 2300 professores deixaram a profissão

ALERTA O número de saídas de docentes, este ano civil, poderá ser o mais elevado de sempre, segundo as projeções da Fenprof. Só em agosto vão aposentar-se 350 profissionais. Número de diplomados em cursos que conferem habilitação para a docência não compensam saídas.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

Todos os meses, centenas de professores aposentam-se e saem do Sistema de Ensino. Tem sido assim desde 2014 e o próximo mês de agosto não será exceção. Três centenas de professores vão reformar-se, totalizando, desde janeiro, cerca de 2300 saídas. A Fenprof estima que, este ano, poderão ser mais de 4900 docentes, "o número mais elevado do milénio".

Considerando os anos civis, este ano – que ainda não terminou – já conta com mais aposentações do que em qualquer outro desde 2014, com exceção para 2022 (2400) e 2023 (3520). O problema, explica ao DN Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP), é o saldo negativo entre os que saem do sistema e os jovens que entram. "Estão a aposentar-se mensalmente centenas de professores e não há jovens a entrar no sistema capazes de colmatar estas aposentações", refere. O saldo é, por isso, "negativo".

No ensino público, a percentagem de docentes com 50 ou mais anos de idade ultrapassa os 55%, com exceção dos do 1.º ciclo do Ensino Básico (42,1%). Já a faixa dos que têm menos de 30 anos é residual. Segundo o *Estudo de Diagnóstico de Necessidades Docentes de 2021 a 2030*, "esta realidade mostra que não tem ocorrido um rejuvenescimento na profissão docente e que um número significativo de docentes atingirá a idade da reforma nos próximos seis ou sete anos". O mesmo documento aponta para a necessidade de recrutamento de docentes nos próximos anos, na ordem dos 3450 por ano até 2030, para o conjunto dos vários grupos de recrutamento.

Segundo dados da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC), "o número anual de diplomados de mestrados em formação de docentes é claramente insuficiente para satisfazer as necessidades de recrutamento cumulativas de novos docentes previstas até 2030 para a grande maioria dos grupos de recrutamento" (*ver caixa*). A previsão anual de aposentações por grupo de recrutamento mostra que a maioria dos grupos pode perder mais de 50% dos docentes até 2030. Segundo a DGEEC, "esta realidade mostra que não tem ocorrido um rejuvenescimento na profissão docente e que um número significativo de docentes atingirá a idade da reforma nos próximos seis ou sete anos".

O presidente da ANDAEP vê, por isso, com bons olhos as 15 medidas anunciadas pelo ministro da Educação para fazer face à escassez de professores – cuja meta é reduzir em 90% o número de alunos sem professores até ao final do mês de dezembro –, mas lembra que se tratam de medidas a curto prazo, sendo necessário pensar em medidas a médio e longo prazo. "A longo prazo é preciso valorizar a carreira docente. Já se deu um passo importante, com a recuperação do tempo de serviço, mas é preciso fazer mais. Devem apoiar-se os professores na estadia e deslocação, pois muitos estão a muitas dezenas de quilómetros de casa. Isso faria mais jovens entrarem na universidade em cursos da Educação e deve-se também diminuir drasticamente a carga burocrática que um professor carrega às costas. Se pensássemos a longo prazo, teríamos professores suficientes", sublinha. Filinto Lima afirma que, se não olharmos para o futuro, "poderemos recuar 40 anos, até à década de 80, altura em que chegavam às escolas professores com baixas qualificações, muitos apenas com o 12.º ano".

"Durante as últimas décadas não houve a atenção suficiente dos nossos políticos para com uma classe que devia ser muito bem tratada. Até houve quem dissesse que havia professores a mais. Fizeram muito mal as contas. Estamos a tentar reparar a falta de visão que os sucessivos Governos tiveram ao longo dos últimos anos em relação à escassez de professores e espero que este problema não se transforme numa pandemia. Era muito grave se assim fosse", alerta.

Filinto Lima espera que as medidas anunciadas pelo Governo para atrair "professores reformados, migrantes, contratados ou bolseiros" surtam efeito, mas alerta que o sucesso das mesmas "dependerá do grau de adesão dos docentes". "Se estas medidas não vingarem, a meta (muito ambiciosa) do ministro de reduzir em 90% o número de alunos sem professor, não vai ser concretizada", conclui.

Número de diplomados em ensino não compensa aposentações

Em 2021/2022, 1682 diplomados concluíram cursos que conferem habilitação para a docência (mais 151 face ao ano anterior), um número que, segundo o Conselho Nacional de Educação (CNE), não compensou as aposentações.
E há disciplinas (Grupos de Recrutamento) onde o problema tem grande expressão, como Português, Inglês, Espanhol, Francês ou Geografia (Ensino Secundário). Nestes grupos de recrutamento, não saiu um único diplomado das universidades e politécnicos em 2021/22. Os dados referentes a 2022/2023 ainda não foram divulgados.

Aposentações 2024

- **Janeiro** – 434
- **Fevereiro** – 315
- **Março** – 299
- **Abril** – 241
- **Maio** – 206
- **Junho** – 183
- **Julho** – 272
- **Agosto** – 350

Inquérito sobre o estado da Justiça decorreu na segunda quizena de junho.

MÁRIO VASA / GLOBAL IMAGENS

Metade dos portugueses anteveem má Justiça seja com que partido for

ESTUDO A descrença na Justiça é profunda: 74% consideram que funciona mal ou muito mal e 25% estima que vá piorar. É "lenta, iníqua e os magistrados são vulneráveis a pressões", conclui análise do IPPS- ISCTE.

TEXTO **CARLA AGUIAR**

Que a esmagadora maioria dos portugueses (74%) considere o funcionamento da justiça "mau" ou "muito mau" é preocupante, mas não é propriamente uma surpresa, tendo em conta o momento explosivo que o setor enfrenta. Mas que quase metade dos cidadãos (48%) não tenham, sequer, a esperança de que a Justiça mude para melhor, seja qual for o partido que esteja em funções ou venha a governar "é algo ainda mais inquietante". Isso mesmo admite Isabel Flôres, diretora-executiva do Instituto de Políticas Públicas do ISCTE, em declarações ao DN, no âmbito da apresentação, ontem, do estudo de opinião *Atitudes dos Portugueses Face à Justiça*, de autoria dos investigadores Pedro Magalhães e Nuno Garoupa.

"A avaliação negativa que é feita está em linha com as nossas expectativas, o problema é que as perceções mantêm-se muito pessimistas até ao final da década", diz Isabel Flôres. De facto, nas perspetivas face ao futuro, um quarto dos inquiridos não esconde mesmo um acentuando ceticismo, antecipando que o *modus operandi* da Justiça vá mesmo piorar ou piorar muito. Já sobre o balanço dos últimos cinco anos, cerca de metade considera que nada mudou ou piorou (38%), sendo que é entre os que se posicionam mais à esquerda que a avaliação é mais negativa (47%). E entre os que enfrentam maiores dificuldades económicas também (30%).

O inquérito, realizado na segunda quinzena de junho – em antecipação do debate do Estado da Nação que se realiza amanhã no Parlamento –, apura as perceções dos portugueses já no rescaldo dos estilhaços da *Operação Influencer*, que culminou na queda de um Governo, e ao *Manifesto dos 50*, um movimento que exige reformas de fundo no setor.

E o veredicto popular diz que "a Justiça é lenta, iníqua e operada por magistrados vulneráveis a pressões sociais e políticas". Acredita-se que não somos todos iguais perante a lei e que o sistema trata pior os pobres e as minorias étnicas e melhor os políticos.

Os portugueses também chumbam redondamente o regime vigente que permite o regresso imediato de magistrados nomeados para cargos políticos, com apenas 8% a admitir essa possibilidade e a grande maioria a defender um período de nojo.

A maior responsabilidade pelo "mau" estado da Justiça é atribuída, em primeiro lugar, aos juízes, depois aos procuradores e aos Governos, numa escala que coloca os "cidadãos em geral" como os menos culpados dos problemas. A comunicação social surge a meio da tabela na repartição das responsabilidades. As considerações "menos positivas concentram-se no desempenho geral do sistema, incluindo rapidez, eficácia e eficiência".

Outra conclusão inquietante é que a maioria dos inquiridos considera que os juízes e procuradores são vulneráveis e cedem a pressões com "muita" ou "alguma frequência" por parte da comunicação social (66%), grupos económicos e sociais (64%), do Governo (60%), dos partidos da oposição (57%) e dos Presidentes da República (57%).

Sobre a avaliação de outras instituições, os portugueses só dão nota positiva às polícias (65%) e às Forças Armadas (59%), bem como às câmaras municipais.

"É a primeira vez que se faz uma análise aprofundada às perceções sobre Justiça neste século", disse a diretora-executiva do IPPS -ISCTE. "As perceções nesta matéria são muito importantes, porque acabam por induzir comportamentos nas atividades quotidianas a vários níveis, seja adiando investimentos porque se tem a perceção que tudo vai demorar; seja porque, na expectativa de que a Justiça é lenta e pouco eficaz, se pode ficar a dever aos trabalhadores, que enquanto o pau vai e vem folgam as costas", exemplificou. E também, claro, nas escolhas eleitorais.

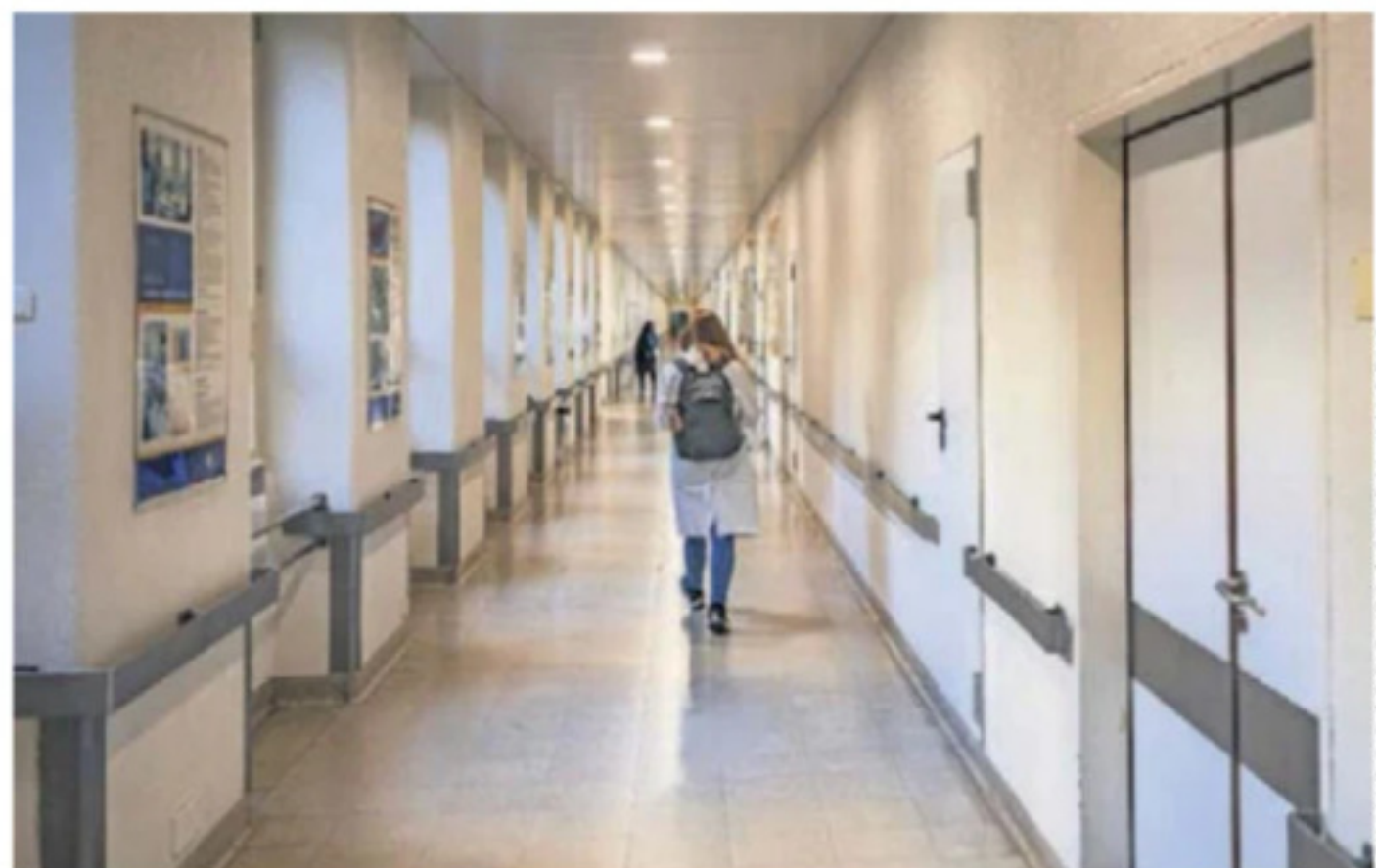
Em reação ao estudo, o presidente do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público, Paulo Lona, recordou, em declarações à Lusa, que a esmagadora maioria dos inquiridos tinha como fonte as notícias da comunicação social, pelo que considerou normal a visão mais crítica, tendo em conta o contexto mediático atual. O responsável admitiu que também está relacionada com "um claro desinvestimento na Justiça, que não é de agora, que faz com quem neste momento faltem mais de 400 oficiais de justiça nos serviços do MP e mais de 1200 ao nível global nos tribunais".

Também a bastonária da Ordem dos Advogados , Fernanda de Almeida Pinheiro considerou "injusto atribuir as culpas" aos operadores judiciários pelo deficiente funcionamento do sistema, quando tem havido um "desinvestimento quase total" no setor pelos Governos nas últimas décadas em meios humanos e técnicos.

Aguiar Branco critica entrevista da PGR

A procuradora-geral da República, Lucília Gago, deveria ter-se pronunciado mais cedo e no Parlamento, o local onde estão os representantes do povo, e não em entrevista à RTP, disse o presidente da Assembleia da República, José Pedro Aguiar-Branco, à margem da apresentação do relatório *O Estado da Nação e as Políticas Públicas 2024*. Se a intervenção tivesse ocorrido há mais tempo, daria menos azo a "juízos que foram feitos e que eram desproporcionais ou descabidos em relação à atuação do Ministério Público", defendeu a segunda figura do Estado. "Quanto mais tivesse acontecido lá atrás, mais credibilidades teríamos tido no setor da Justiça".

Questionado sobre qual deve ser o perfil do sucessor de Lucília Gago, Aguiar-Branco defendeu a existência de audições que permitam compreender a visão e "capacidade de comunicação" da figura à frente da PGR, na linha do que também propunha a ex-PGR, Joana Marques Vidal. E defendeu a necessidade de consensos para uma reforma na Justiça com o alto patrocínio do Presidente da República.

Entretanto, foram conhecidos ontem, mais 50 subscritores do *Manifesto Por uma reforma da Justiça em defesa do Estado de direito democrático*, em que se contam nomes de áreas tão diversas como o ex-ministro das Finanças, Eduardo Catroga, o ex-PGR António Pinto Monteiro, o capitão de Abril Vasco Lourenço, a ex-vice-presidente do PSD, Isabel Meireles, o médico Eduardo Barroso ou os músicos Camané, Jorge Palma e Pedro Abrunhosa.

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

Médicos querem saber para onde estão a concorrer.

Sindicatos médicos contra concursos sem local de trabalho

SAÚDE Ministério abriu concursos para fixar médicos no SNS sem indicar locais das vagas lançadas. O SIM diz que tal só gera "instabilidade" e "desmotivação", a Fnam frisa que é "incompreensível". Ambos exigem mudanças.

Numa altura em que um dos principais problemas do Serviço Nacional de Saúde (SNS) é a falta de médicos, os sindicatos da classe criticam a tutela por, na segunda-feira, ter lançado concursos públicos para fixação de profissionais sem indicar os locais de trabalho das vagas para as quais poderiam candidatar-se. Em comunicados divulgados, o Sindicato Independente dos Médicos (SIM) e a Federação Nacional dos Médicos (Fnam) – que tem uma greve decretada de dois dias para a próxima semana –, dizem que é mais uma atitude do ministério "incompreensível" e "inaceitável".

O SIM sublinha o facto de esta prática ser contrária a tudo o que foi feito nesta matéria nos últimos anos e que ao "lançar concursos sem local de trabalho definido, as entidades públicas estão a privar os médicos da possibilidade de fazerem uma escolha informada sobre o seu futuro profissional".

Para a Fnam "é imperativo saber quais as vagas que irão ser colocadas a concurso nas Unidades de Saúde Locais (ULS), discriminadas por Unidades, de forma a dar aos médicos toda a informação que precisam para um concurso capaz de os fixar no SNS". Esta estrutura comenta mesmo: "Numa altura em que o maior desafio do SNS é fixar médicos, é incompreensível que, no momento do concurso de acesso à carreira, se insista num caminho que pode dar aos médicos uma colocação insustentável para o seu modo de vida, o que reforçará a sua fuga para a prestação de serviço, setor privado e até para o estrangeiro".

Os sindicatos consideram que esta indefinição "causa um enorme desgaste emocional e profissional" e exigem que "as entidades públicas ponham fim a esta prática inaceitável e que todos os concursos para médicos incluam a definição concreta do local de trabalho. Esta é uma medida essencial para garantir a dignidade e os direitos dos médicos", argumenta o SIM.

Do lado da Fnam, que decretou uma greve para os dias 23 e 24 julho, com manifestações em Lisboa, Porto e Coimbra, o Sindicato dos Médicos do Norte já lançou uma missiva a pedir às 14 ULS da região que informem quais as vagas que vão ser postas a concurso discriminadas por unidades.

Tanto o SIM como a Fnam defendem que que "os concursos públicos para fixação de médicos devem ter uma definição concreta do local de trabalho, evitando que, ao concorrer, o médico arrisque uma área de colocação incompatível com a sua vida pessoal e familiar". E que não devem ser lançados de forma faseada, mas sim para todas as ULS.

BREVES

Côa. Arte rupestre ao vivo até setembro

O Centro de Ciência Viva do Museu do Côa vai mostrar até setembro a galeria de arte rupestre ao ar livre através de atividades que vão desde a geologia à biologia, ou arqueologia. "Todas as atividades serão acompanhadas por diversos especialistas nas mais diferentes áreas do saber, em ações que são dirigidas às famílias, público em geral, jovens e crianças", disse à Lusa a coordenadora deste centro de Ciência Viva, Vera Carvalho. A mesma explicou que na "visita ao núcleo arqueológico do Fariseu (30 000 anos) o visitante poderá observar toda a avifauna do Vale do Côa, as suas formações geológicas, a bordo de uma embarcação eletrossolar até chegar a este emblemático núcleo de arte rupestre".

Baleia rara terá dado à costa na Nova Zelândia

Uma das baleias mais raras do mundo, a baleia-bicuda-de-bahamonde, terá dado à costa este mês numa praia da Ilha Sul da Nova Zelândia, indicou a agência de conservação do país. Não existem registos de avistamentos ao vivo daquela baleia (*Mesoplodon traversii*) e ninguém sabe quantos animais existem, nem onde vivem na vasta extensão do sul do Oceano Pacífico. A criatura de cinco metros de comprimento foi identificada após chegar à Praia de Otago, pelos seus padrões de cores e pelo formato do crânio, bico, e dentes. "Sabemos muito pouco" sobre estas baleias, disse Hannah Hendriks, consultora técnica marinha citada pela Associated Press.

Opinião
Francisco George

Opinião pessoal (XXXII)

Continuo o tema VIH/SIDA.

A partir de 1981, multiplicaram-se os casos de doentes graves com síndromes que refletiam fragilidade da imunidade (que fora adquirida sem se perceber a razão).

Se é verdade que os quadros clínicos traduziam a fraqueza do sistema imunitário (que deixara de proteger o organismo de infeções e de cancro) é preciso, também, realçar que a sua causa era, então, inteiramente desconhecida. Uma incógnita surpreendente. Inesperada. Imprevisível.

A primeiríssima preocupação era descobrir se essa nova síndrome seria uma infeção transmissível de pessoa a pessoa e, se assim acontecesse, como se transmitia.

Para criar estratégias de prevenção na perspetiva de poder ser evitada essa infeção era preciso ter resposta à questão: quais os modos de transmissão?

As pesquisas conduzidas em múltiplos centros científicos, sob coordenação da Organização Mundial da Saúde (OMS), iniciaram-se, desde logo. Para tal, foi criado um programa especial que juntou investigadores, médicos, biólogos e epidemiologistas, designadamente europeus e norte-americanos.

Poucos meses depois, percebeu-se que os novos casos estavam associados a relações sexuais, tal e qual como 100 anos antes acontecera com a sífilis.

Também cedo se reconheceu a possibilidade do sangue transmitir a síndrome (através de transfusões ou da utilização comum de objetos cortantes ou perfurantes, por exemplo), bem como das mães doentes poderem transmitir aos filhos durante a gravidez, o parto ou a amamentação (transmissão mãe-filho).

Estabeleceram-se, assim, três vias de transmissão: **1** relação sexual; **2** pelo sangue; **3** da mãe para o filho.

As investigações epidemiológicas da OMS demonstraram, inequivocamente, que os mosquitos não transmitiam esse agente. Se assim sucedesse, isto é, se a picada de mosquito tivesse a possibilidade de transmitir o agente da nova síndrome, então tudo teria sido diferente, porque ninguém pode evitar a picada de mosquitos (a não ser que viva com fatos de astronauta).

Se, como a febre amarela, o dengue ou o paludismo, os mosquitos fossem capazes de transmitir o novo agente as consequências teriam sido ainda mais devastadoras. Mas, a impossibilidade dessa hipótese foi verificada: a frequência da nova síndrome identificada na população não apresentava diferença em função da densidade de mosquitos existente nas várias regiões investigadas (como os mosquitos se multiplicam na água, a síndrome teria de ser mais frequente junto dos rios e lagos, em comparação com zonas áridas).

A notícia que confirmou a impossibilidade dos mosquitos transmitirem o "agente-mistério" foi logo festejada em jantar especial no Hotel 24 de Setembro de Bissau.

(*Continua.*)

Ex-diretor-geral da Saúde
franciscogeorge@icloud.com

Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal". Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então dissemos: "Dá-nos um mais divertido." E o resultado foi este.

Isabela Valadeiro – atriz e modelo "Aprendi que a vida, quando partilhada, é mais bonita"

Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
Teletransportar-me para onde quisesse.

Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
Filmografia de Pedro Almodóvar, John Cassavetes ou Billy Wilder.

Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
Talvez iscas, quando comia carne, há sete anos.

Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Gosto de viver o presente, por isso acho que não o faria.

Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
Bugs Bunny. Acho fofo e meio trapalhão!

Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
Todas as danças são embaraçosas quando ainda não sabemos dançá-las. No início, *belly dancing* foi complexo.

Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Maryl Streep, para sentir na pele o que sente a atriz com mais nomeações para Óscares no mundo.

Qual é a música que sempre a faz dançar, não importa onde esteja?
C. Tangana faz-me sempre dançar.

A atriz adoraria ter como amiga Jennifer Lawrence (*em baixo*): "Acho que ela é o máximo."

D.R. / RUI VALIDO

Se tivesse que viver num filme, qual escolheria e por quê?
Some Like It Hot ou *Funny Girl*, ambos para poder viver no mundo do espetáculo.

Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
Talvez um *djambé*, quando era miúda. Foi engraçado. Meias também era recorrente.

Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Seria uma leoa. Considero-as fortes, vulneráveis, carinhosas e dedicadas.

Qual é a sobremesa favorita que nunca recusaria?
Petit gâteau e gelado.

Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
Feriado do artista. Onde todos, juntos, comemoraríamos a arte.

Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Ler em voz alta.

Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
Jennifer Lawrence, porque acho que ela é um máximo, pelo sentido de humor, genuinidade, graça natural e, claro, pelo talento sem fim.

Qual é a piada mais engraçada que conhece?
De memória não sei. Gosto do que é espontâneo, gosto de pessoas com sentido de humor e raciocínio rápido, que transformam o banal em engraçado.

Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Uma mosca e perguntava-lhe quais as melhores histórias a que já tinha assistido.

Qual é o seu talento oculto que poucas pessoas conhecem?
Fazer vozes diferentes, talvez. Ou dançar.

Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
Amarelo. Lembra-me a primavera, o início de um ciclo, as paisagens alentejanas no verão, os dias longos, a alegria e a positividade.

Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
"Obrigada", quando me sinto mesmo agradecida, é muito boa de se dizer.

Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
Uma *app* que fizesse uma seleção diária só das boas notícias. Para termos acesso mais direto à positividade do mundo.

Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Não me lembro.

Se tivesse de comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?

Talvez *gaspacho* Alentejano. Gosto muito.

Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
Lembro-me de ir com os meus pais à horta apanhar feijão verde, era muito giro.

Se fosse um meme, qual seria?
Não tenho nenhum favorito, uso vários.

Qual seria o título da sua autobiografia?
"Entre o Riso, a palavra e a possibilidade tudo pode acontecer e aconteci".

Se pudesse ser um personagem de videojogo, quem seria?
Não costumo jogar videojogos.

Qual é o seu trocadilho ou piada de favorito?
"Depende do ponto de vista e da vista do ponto".

Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Ia a todos os *plateaus* dos filmes grandes com os realizadores de que mais gosto, aprender e ver de perto.

Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Que a vida, quando partilhada, é mais bonita.

O Município de Lisboa tem o preço mais elevado de todos, com 4190 euros/m².

ARTUR MACHADO / GLOBAL IMAGENS

Preço das casas subiu 5% até março, uma tendência que deve agravar-se

HABITAÇÃO Perspetiva de redução das taxas de juro traz nova pressão de crescimento da procura sobre uma oferta que se mantém muito aquém das necessidades. Promessa de descida do IVA piora a situação.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

O preço médio de venda de habitação foi, no 1.º trimestre, de 1644 euros o metro quadrado, uma subida homóloga de 5%. Indica o Instituto Nacional de Estatística (INE) que o preço das casas aumentou em 19 das 26 sub-regiões NUTSIII, com especial destaque para o Baixo Alentejo, que registou o maior crescimento: +28,5%. Uma tendência que, acreditam os especialistas em imobiliário, se irá agravar, graças à previsível descida das taxas de juro e do desfasamento entre a oferta e a procura.

"O grande fator de pressão no mercado, neste momento, é a falta de oferta, que não só não está a ser resolvida como, aparentemente se está a agravar, com o aumento da procura", diz o responsável da Confidencial Imobiliário. Ricardo Guimarães recorda que não só a construção de novos fogos se mantém em níveis "muito baixos", como há, até, uma diminuição dos licenciamentos, fruto das medidas anunciadas pelo Governo, nomeadamente o IVA a 6% para a construção: "É uma medida que foi anunciada no programa eleitoral e no Programa do Governo, mas que só se sabe que entrará em vigor algures durante a legislatura, o que está a levar a um adiamento de projetos à espera da descida deste imposto."

Para o responsável, a alteração ao IVA da construção deveria ter sido feita de modo a funcionar como fator de aceleração nos projetos, bastando para isso que a redução fosse anunciada como estando em vigor apenas temporariamente. "O prémio estaria do lado de quem acelerasse o investimento e não de quem o atrasasse", diz.

Por outro lado, as iniciativas que pretendem facilitar o acesso dos jovens à habitação vêm também colocar mais pressão no mercado, mais uma vez por falta de oferta. Ricardo Guimarães estima que, no final do ano, poderemos estar com uma subida média homóloga dos preços na ordem dos 7%.

O presidente da APEMIP, a associação dos mediadores imobiliários, acredita também numa tendência de agravamento, até porque, lembra que os concelhos que partem de patamares de valor mais baixos têm sido alvo de novos fluxos de procura, registando subidas mais significativas. Os 28,5% de aumento no Baixo Alentejo são disso exemplo. "Os novos modelos de trabalho à distância fazem com que tenhamos cada vez mais pessoas à procura de casa em concelhos que partem de um patamar de preço mais baixo", refere Paulo Caiado.

Indica ainda o INE que os preços aceleraram em 14 dos 24 municípios mais populosos, com especial destaque para o Funchal (+17,6 pontos percentuais), Porto (um acréscimo de 3,6 pontos), e Lisboa (+0,5 pontos percentuais). O Município de Lisboa tem o preço mais elevado de todos, com 4190 euros/m², seguido de Cascais e Oeiras, com 3881 euros/m² e 3281 euros/m², respetivamente.

Na Grande Lisboa e na Área Metropolitana do Porto, o preço mediano das transações efetuadas por compradores com domicílio fiscal no estrangeiro superou em 82,3% e 47,5%, respetivamente, o preço das transações por compradores com domicílio fiscal em território nacional.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

Empresas procuram menos crédito

A procura de empréstimos por parte de empresas registou uma diminuição no 2.º trimestre, enquanto a procura por particulares avançou no segmento do consumo e manteve-se praticamente inalterada na habitação, segundo um inquérito do Banco de Portugal (BdP).

Para a redução da procura por parte das empresas contribuíram o nível geral das taxas de juro, a redução das necessidades de financiamento para reestruturação empresarial e o recurso à geração interna de fundos como fonte de financiamento.

Entre os particulares, a procura esteve "praticamente sem alterações no segmento da habitação e ligeiro aumento no segmento do consumo e outros fins".

Para o 3.º trimestre do ano, o BdP prevê que a procura de empréstimos continue sem alterações entre as pequenas e médias empresas (PME) e nos empréstimos de longo prazo devido às avaliações divergentes entre bancos e uma ligeira diminuição pelas grandes empresas e em empréstimos de curto prazo.

Já nos particulares, os bancos antecipam um "ligeiro aumento da procura de empréstimos, mais acentuado no segmento da habitação".

Mário Centeno
Governador do Banco de Portugal

À unanimidade em torno de Trump, Biden volta às críticas e à campanha

EUA Adversários nas primárias juntam a sua voz à do ex-presidente na convenção enquanto se digere a nomeação do seu número dois. Para Biden, a escolha de Vance é natural, porque o seu oponente rodeia-se de pessoas que só o adulam.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Trump rodeado dos filhos Donald Jr. e Eric, e do homem que escolheu para concorrer consigo, J.D. Vance (*à direita*).

BRENDAN SMIALOWSKI / AFP

Com um penso na orelha direita e o Partido Republicano a seus pés, Donald Trump compareceu no primeiro dia da convenção do partido, em Milwaukee, já depois de ter sido designado candidato à presidência e de ter tornado público o seu vice. Ao segundo dia, os seus principais adversários nas primárias republicanas juntaram as suas vozes à coreografia de apoio ao nova-iorquino. No campo democrata, após nova entrevista, Joe Biden partiu em campanha para Las Vegas.

A antiga embaixadora Nikki Haley e o governador da Florida Ron DeSantis, derrotados nas primárias, foram a Wisconsin demonstrar a "união" que Trump pediu na sequência da tentativa do seu assassínio no sábado, enquanto os norte-americanos e o mundo em geral ficaram a digerir a sua escolha para a vice-presidência – e o seu herdeiro no movimento *MAGA*, segundo a *The Economist*.

Na Europa, a notícia de J.D. Vance como candidato a número dois dos Republicanos foi acolhida como um balde de gelo. Enquanto senador gabou-se de ter ajudado a reter a mais recente legislação que inclui o apoio de 61 mil milhões de dólares à Ucrânia. "Conseguimos deixar bem claro à Europa e ao resto do mundo que os Estados Unidos não podem passar cheques em branco indefinidamente", disse então.

Vance é, neste tema, um porta-voz de Trump. O apoio a Kiev foi um raro tema quase consensual entre democratas e republicanos, mas a crescente influência do ex-presidente no Capitólio mudou o paradigma. Como lembra o Politico, a presença de Vance na *Conferência de Segurança* de Munique, em fevereiro, destoou ao recusar encontrar-se com o presidente e o chefe da diplomacia da Ucrânia. Motivo? "Pensei que não ia aprender nada."

> Enquanto senador, J.D. Vance recusou encontrar-se com Zelensky e gabou-se de ter ajudado a bloquear o apoio de 61 mil milhões de dólares à Ucrânia.

Mas não é só na Defesa e Segurança que o senador do Ohio leva ao franzir de sobrancelhas. Adepto do chamado Populismo Económico, advoga medidas de protecionismo económico como a imposição de taxas aduaneiras. "Vance é uma caixa de ressonância de Trump e não uma voz nova", disse David Niven, professor de Política na Universidade de Cincinnati, à Reuters, e tendo em conta o anterior discurso crítico de Vance face a Trump disse ser um caso de "profundo oportunismo".

A escolha do antigo especulador financeiro não surpreendeu Joe Biden. "Não é invulgar, rodeia-se de pessoas que concordam plenamente com ele", disse o democrata sobre Trump numa entrevista à NBC News.

Ao falar sobre o discurso extremado na política, Biden reconheceu ter sido infeliz quando usou a frase "é altura de colocar Trump num alvo" quando, explicou, queria dizer que era para as pessoas "centrarem-se no que está a fazer e nas suas políticas, no número de mentiras que disse no debate". Mas apesar de ter dito aos norte-americanos que era altura de "baixar a temperatura" da política, insistiu que Trump é uma ameaça à democracia e que não pode deixar de afirmá-lo.

Enquanto voltou à campanha – viajou para Las Vegas para um encontro com ativistas negros –, a CNN noticiou que Biden e a sua equipa continuam a receber pedidos para desistir, mas agora em privado.

cesar.avo@dn.pt

Apoio de bilionários de Silicon Valley

Elon Musk vai doar mais de 41 milhões de euros por mês para a campanha de Trump, revelou o *Wall Street Journal*. O proprietário da Tesla, SpaceX e da rede social X junta-se assim a outros bilionários seduzidos pelo agora candidato a vice, J.D. Vance. Este recebeu milhões de Peter Thiel, fundador do PayPal e seu ex-patrão, na corrida ao Senado de 2022, e mantém relações estreitas com empresários de Silicon Valley. No mês passado terá ajudado a organizar uma angariação de fundos com os bilionários David Sacks e Chamath Palihapitiya.

EPA / DAVID MAXWELL

Francoatiradores do Serviço Secreto antes do comício de Butler.

Atenções viradas para o falhanço do Serviço Secreto

SEGURANÇA Diretora da agência que protege atuais e ex-líderes debaixo de fogo após aparente desresponsabilização.

O mal-estar entre as forças de segurança devido à tentativa de assassinato de Donald Trump esteve à vista, mas acabou por ser, para já, contido, enquanto prossegue a investigação pelo FBI ao jovem autor do atentado, Thomas Crooks, que foi confrontado por um agente da polícia local momentos antes de ter disparado.

Na segunda-feira, o secretário da Segurança Interna, Alejandro Mayorkas, disse na CNN que "um incidente como este não pode acontecer", e de seguida, instado a responder se o ocorrido era um "falhanço" do Serviço Secreto (agência sob a dependência da Segurança Interna e responsável pela segurança do presidente, vice e respetivas famílias, bem como de anteriores chefes de Estado), Mayorkas afirmou: "Estamos a falar de um falhanço. Não poderia ser mais claro." Acontece que a diretora do Serviço Secreto, Kimberly Cheatle, em entrevista à ABC News, afirmou que a segurança do perímetro exterior cabia à polícia de Butler, a localidade na Pensilvânia em que decorreu o comício interrompido a tiros.

Esta aparente desresponsabilização valeu, de pronto, críticas da maior associação policial do país, a Ordem Fraternal da Polícia. "Tratou-se de uma falha ao nível da direção ou do comando, que não conseguiu evitar uma falha óbvia na segurança deste evento", disse o seu presidente, Patrick Yoes, que ainda classificou os agentes em serviço no local como "heroicos". Vídeos publicados, entretanto, nas redes sociais dão conta de que várias testemunhas tentaram alertar as forças de segurança para a presença de uma pessoa no telhado de um edifício fora do perímetro do comício – onde um detetor de metais prevenia a presença de armas – pelo menos minuto e meio antes dos disparos. Ao jornal *The Washington Post*, o xerife do Condado de Butler Michael Slupe disse que um agente espreitou, agarrado com ambas as mãos na beira do telhado, e que teve de voltar para trás porque o atirador apontou-lhe uma arma.

Perante as críticas gerais, o Serviço Secreto publicou uma declaração a agradecer aos "agentes que correram em direção ao perigo", tendo terminado a afirmar que as "notícias que sugiram que o Serviço Secreto está a culpar a polícia local pelo incidente de sábado simplesmente não são verdadeiras".

Depois de o presidente Biden ter ordenado uma investigação independente e de os congressistas terem chamado Cheatle a dar explicações, esta disse "compreender a importância" do escrutínio e mostrou disponibilidade para cooperar. **C.A.**

Israel bombardeia Gaza apesar de críticas dos EUA

GUERRA Netanyahu disse que este é "o momento de aumentar ainda mais a pressão" sobre o Hamas e atingir os objetivos de Telavive.

TEXTO **ANA MEIRELES**

Israel continuou ontem a bombardear a Faixa de Gaza horas depois de os Estados Unidos, o seu principal apoiante militar, terem renovado as críticas a Telavive sobre o elevado número de vítimas civis na guerra contra o Hamas. Esta chamada de atenção chegou pela voz do secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, que transmitiu a dois altos representantes do Governo de Benjamin Netanyahu a "séria preocupação" de Washington após os recentes ataques ao enclave.

O Exército israelita lançou vários ataques mortais nos últimos dias, incluindo contra um campo de refugiados e várias escolas geridas pela ONU onde civis estavam abrigados – só no sábado, morreram mais de de 90 pessoas no campo de Al-Mawasi, perto de Khan Yunis. Em resposta, o Hamas disse que ia retirar-se das negociações, fazendo com que as perspetivas de uma trégua e de um acordo de libertação de reféns diminuíssem ainda mais.

Blinken recebeu ontem dois influentes responsáveis israelitas – o ministro dos Assuntos Estratégicos, Ron Dermer, e o conselheiro de Segurança Nacional, Tzachi Hanegbi – "para expressar a [sua] séria preocupação com as recentes vítimas civis em Gaza". O número de vítimas "ainda permanece inaceitavelmente alto. Continuamos a ver muitos civis mortos neste conflito", reforçou o porta-voz do Departamento de Estado, Matthew Miller.

Já Netanyahu prometeu ontem aumentar a pressão sobre o Hamas. "Este é exatamente o momento de aumentar ainda mais a pressão, de trazer para casa todos os reféns – os vivos e os mortos – e de alcançar todos os objetivos da guerra", disse o primeiro-ministro de Israel.

> Blinken transmitiu a dois membros do Executivo de Netanyahu a "séria preocupação" dos EUA após os ataques mortais israelitas em Gaza.

Ontem também, Mahmud Bassal, porta-voz da proteção civil de Gaza, controlada pelo Hamas, revelou que três ataques aéreos mataram pelo menos 44 pessoas e feriram dezenas no espaço de uma hora.

O Ministério da Saúde afirmou que um ataque a uma bomba de gasolina em Al-Mawasi (sul), matou 17 pessoas, e o Crescente Vermelho Palestiniano informou que um ataque separado, quase em simultâneo, na Escola Al-Razi, administrada pela ONU, no campo de refugiados de Nuseirat (centro), matou cinco. O terceiro atingiu um ajuntamento de pessoas perto de uma rotunda no norte de Gaza, não tendo sido avançado um número preciso de vítimas.

O Exército israelita explicou que os seus aviões tingiram cerca de "40 alvos terroristas" em Gaza, incluindo "postos de atiradores e de observação, estruturas militares do Hamas, e edifícios equipados com explosivos", referindo ainda que as tropas continuam os ataques direcionados em Rafah (sul) e no centro do enclave.

ana.meireles@dn.pt

BASHAR TALEB / AFP

Em Khan Yunis ainda é patente o desespero dos ataques israelitas do último fim de semana.

URS FLUELER / POOL / AFP

A primeira cimeira da paz realizou-se em junho na Suíça, tendo a Rússia ficado de fora do encontro.

Rússia cautelosa com convite para discutir a paz

UCRÂNIA Putin quer perceber primeiro quais são as intenções de Zelensky ao dizer que Moscovo deveria estar na próxima cimeira.

TEXTO **ANA MEIRELES**

O Kremlin respondeu de forma cautelosa ao aparente convite do presidente ucraniano para uma futura cimeira de paz, dizendo que a Rússia primeiro precisa de compreender o objetivo de Kiev antes de participar nas conversações. Volodymyr Zelensky afirmou na segunda-feira que a Rússia "deveria" estar representada na segunda cimeira sobre o conflito na Ucrânia, uma mudança de tom em relação ao mês passado, quando Kiev excluiu Moscovo de uma conferência de paz na Suíça. "A primeira cimeira de paz não foi, de todo, uma cimeira de paz. Então talvez seja necessário primeiro compreender o que ele quer dizer", afirmou o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov.

Líderes de mais de 90 países reuniram-se na Suíça, em junho, para a primeira cimeira, que a Rússia classificou como uma perda de tempo. Moscovo insiste que deve manter todo o território que ocupa agora – cerca de 20% do país – enquanto Kiev exige que todos os soldados russos se retirem das fronteiras da Ucrânia internacionalmente reconhecidas, incluindo a Crimeia, que Moscovo anexou em 2014.

Os Estados Unidos afirmaram na segunda-feira apoiar a decisão da Ucrânia de convidar a Rússia para uma segunda cimeira, mas expressaram dúvidas sobre se Moscovo está pronto para conversações. "Apoiamos sempre a diplomacia quando a Ucrânia está pronta, mas nunca ficou claro que o Kremlin esteja pronto para a diplomacia real", declarou o porta-voz do Departamento de Estado norte-americano, Matthew Miller.

Paralelamente, o Ministério da Defesa russo anunciou ontem que a empresa de energia Fores vai pagar 15 milhões de rublos (cerca de 155 mil euros) aos militares que abaterem o primeiro caça F-16 norte-americano na Ucrânia. Esta empresa já tinha tido uma iniciativa idêntica no caso dos tanques norte-americanos Abrams e alemães Leopard entregues a Kiev.

> A empresa russa de energia Fores vai pagar cerca de 155 mil euros aos militares que abaterem o primeiro caça F-16 norte-americano na Ucrânia.

Os ministros das Finanças da União Europeia alertaram ontem a Hungria que a ajuda a Kiev deverá continuar a ser uma prioridade do bloco durante a sua presidência rotativa da UE, que se prolonga até ao final do ano. Esta é uma das várias reações vindas de Bruxelas às visitas levadas a cabo pelo primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, a Moscovo e a Pequim desde o início do mês para discutir a guerra na Ucrânia – na segunda-feira, Bruxelas já tinha avisado que os seus altos-funcionários não irão a Budapeste para reuniões durante a sua presidência.

"O facto de Orbán ter ido até Putin e Moscovo é um insulto não apenas para a Ucrânia, mas para todos os outros 26 Estados-membros", afirmou a ministra das Finanças sueca, Elisabeth Svantesson.

ana.meireles@dn.pt

Attal demite-se, mas fica em funções

O presidente francês, Emmanuel Macron, aceitou ontem o pedido de demissão do Governo de Gabriel Attal, que continuará porém em funções de forma interina. O primeiro-ministro cessante e sua equipa "cuidarão dos assuntos do dia a dia até que um novo Governo seja nomeado", referiu o Palácio do Eliseu.

A política francesa está num impasse desde as eleições antecipadas no início deste mês, com os partidos na Assembleia Nacional a lutarem para formar uma coligação governamental e sem nenhum sucessor à vista para Attal. Nomeadamente, a Nova Frente Popular (NFP), a aliança de esquerda que venceu as Legislativas, ainda não conseguiu um nome para liderar o Governo que gere consenso entre os vários partidos que compõem a coligação.

"Para que este período termine o mais rapidamente possível, cabe às forças republicanas trabalharem em conjunto para construir a unidade", acrescentou a presidência francesa, referindo-se aos principais partidos políticos, mas excluindo a extrema-direita de Marine Le Pen e a França Insubmissa, de esquerda radical e uma das forças motrizes da NFP.

Na reunião de Conselho de Ministros realizada ontem à tarde, Emmanuel Macron terá pedido a Gabriel Attal para ficar em funções interinas "algumas semanas", provavelmente até depois dos Jogos Olímpicos de Paris, que têm início no dia 26 e se prolongam até 11 de agosto, dando tempo aos partidos para construirem uma coligação governamental.

A.M.

BREVES

Primeiro-ministro de Gales renuncia

O primeiro-ministro do País de Gales, o trabalhista Vaughan Gething, renunciou ontem, quatro meses depois de tomar posse, após um período marcado por vários escândalos. "Tomei a difícil decisão de iniciar o processo de renúncia ao meu cargo de líder do Partido Trabalhista de Gales e, portanto, de primeiro-ministro", afirmou Gething, pouco depois de quatro ministros anunciarem que deixariam os seus cargos por causa da liderança do trabalhista no Executivo. O primeiro-ministro galês, de 50 anos, esteve envolvido em alguns escândalos, entre eles o facto de ter recebido 200 mil libras (cerca de 238 mil euros), durante a sua campanha eleitoral, de um dador condenado por crimes ambientais.

ONU alerta para escravidão na Coreia do Norte

A ONU denunciou ontem a existência de um sistema institucionalizado de trabalhos forçados na Coreia do Norte, que, em alguns casos, pode constituir escravidão, um crime contra a Humanidade. Num relatório, o Alto-Comissariado da ONU para os Direitos Humanos detalha como os norte-coreanos são "controlados e explorados por um vasto Sistema de Trabalho Forçado a vários níveis". "Estas pessoas são obrigadas a trabalhar em condições intoleráveis, muitas vezes em setores perigosos, sem salário, sem possibilidade de sair, sem proteção, sem cuidados médicos, sem férias, sem alimentação e sem abrigo", disse o alto-comissário, Volker Türk.

emprego

avisos, tribunais e conservatórias

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA AMADORA

EDITAL

Número: **09/2024**

António Ramos Preto, Presidente da Assembleia Municipal da Amadora, nos termos do n.º 1 do Art.º 56.º da Lei 75/2013, de 12 de setembro, faz público o teor das deliberações tomadas pela Assembleia Municipal da Amadora, na sua Sessão Ordinária de junho de 2024, realizada em 27 de junho de 2024:

1 – **Aprovada por maioria** a proposta da C.M.A. relativa a *"Grandes Opções do Plano (Plano Plurianual de Investimentos e Plano de Atividades Municipais) e Orçamento Ordinário de 2024 – 2.ª Alteração Modificativa (Revisão) e 8.ª Alteração Anos Seguintes (Proposta n.º 280/2024)"*.

2 – **Aprovada por maioria** a proposta da C.M.A. relativa a *"SIMAS – Relatório e Contas – Ano 2023 (Proposta n.º 265/2024)"*.

3 – **Aprovada por maioria** a proposta da C.M.A. relativa a *"Prestação de Contas Consolidadas – Ano 2023 (Proposta n.º 283/2024)"*.

4 – **Aprovada por maioria** a proposta da C.M.A. relativa a *"SIMAS – Grandes Opções do Plano e Orçamento para o Ano 2024 e Autorização Prévia para Assunção de Compromissos Plurianuais (Proposta n.º 285/2024)"*.

5 – **Aprovada por maioria** a proposta da C.M.A. relativa a *"SIMAS – 1.ª Alteração Orçamental Modificativa 2024 – Modificações ao Orçamento da Receita, da Despesa e PPI (Proposta n.º 286/2024)"*.

6 – **Aprovada por maioria** a proposta da C.M.A. relativa a *"Contrato de Permuta de Terrenos Sitos na Freguesia da Falagueira-Venda Nova, a Celebrar entre o Município e CONSEST – Promoção Imobiliária, S.A. (Proposta n.º 305/2024)"*.

7 – **Aprovada por maioria** a proposta da C.M.A. relativa a *"Constituição de Direito Superfície a favor do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, da Universidade Nova de Lisboa e do Instituto Politécnico de Lisboa, de Terreno Sito na Freguesia da Falagueira-Venda-Nova para Construção de Alojamento Estudantil (Proposta n.º 306/2024)"*.

8 – **Aprovada por unanimidade** a proposta da C.M.A. relativa a *"Regulamento Municipal do Fundo de Coesão Social – Alteração – Aprovação (Proposta n.º 207/2024)"*.

Amadora, 28 de junho de 2024

O Presidente
António Ramos Preto

CONVOCATÓRIA

Nos termos do disposto nos artigos 22.º e 25.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral do Centro Social José Luís Coelho para se reunir em sessão ordinária, na sua sede, Rua Costa Pimenta, Frações A e B, em Lisboa, no próximo dia 30 de julho, pelas 17 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

– Aprovação de contas do ano de 2023.

Não comparecendo o número legal de sócios para que a Assembleia se possa reunir em 1.ª convocação, reunir-se-á esta em 2.ª convocação meia hora mais tarde, ou seja, às 17.30 horas, com o número de sócios presentes.

Lisboa, 15 de julho de 2024

A Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Mariana Sousa

Administração Conjunta das Quintas 2, 3, 4 e 5, BRIC n.º 2 Pinhal das Formas
2950-672, Quinta do Anjo

AVISO

– Nos termos do art.º 11.º n.º 5 da Lei n.º 91/95, de 2 de setembro, com a redação introduzida pelas Leis n.ºs 165/99, de 14 de setembro, 64/2003, de 23 de agosto, e 10/2008, de 20 de fevereiro, ficam por este meio convocados os comproprietários dos prédios rústicos descritos na Conservatória do Registo Predial de Palmela sob os n.ºs 1438/19911011; 1440/19911011; 1729/20091016; 7164/20091230 e inscrito na matriz predial da freguesia da Quinta do Anjo sob o art.º 61.º da secção A-A1 (parte) que se realizou no dia 23 de junho de 2024, pelas 14.30 horas no Cineteatro São João em Palmela.

– Ponto 1 da Ordem de Trabalhos – Informações, neste ponto foram prestadas informações sobre o estado do processo de urbanização.
– Ponto 2 da Ordem de Trabalhos – Apresentação, discussão e votação das contas anuais do exercício económico do ano 2023 e respetivo parecer emitido pela Comissão de Fiscalização que foi discutido e **aprovado por maioria dos presentes com 16 abstenções**.
– Ponto 3 da Ordem de Trabalhos – Apresentação, discussão e aprovação do orçamento e plano de atividades para o ano 2024, que foi discutido e **aprovado por maioria dos presentes com 6 abstenções**.
– Ponto 4 da Ordem de Trabalhos – Apresentação, discussão, aprovação dos orçamentos e respetiva adjudicação de um destes, com vista à concretização do projeto técnico da rede pública de água potável a implementar em toda a área da AUGI que foram discutidos e dos três orçamentos apresentados na assembleia, **o orçamento n.º 1 da empresa JRM, LDA., foi aprovado por unanimidade**.
– Ponto 5 da Ordem de Trabalhos – Apresentação, discussão e aprovação do trabalho relativo aos perfis de rua de todos os arruamentos e pedonais da AUGI, na sequência do levantamento topográfico já realizado e foram apresentados três orçamentos na assembleia, que depois de apresentados e discutidos, **o orçamento n.º 2 do topógrafo Agostinho Pinto foi aprovado por unanimidade**.
– Ponto 6 da Ordem de Trabalhos – Eleição da Comissão de Fiscalização para o ano de 2024, composta pela lista única apresentada pelos Srs. Carlos Manuel Bernardo de Aguiar, Gleydson Lopes e Daniel Jesus Dias Assis e que **foi eleita por unanimidade**.
– Ponto 7 da Ordem de Trabalhos – Verificação e discriminação dos comproprietários que têm valores em dívida referentes às comparticipações mensais por parcela de terreno, com vista a serem intentadas as respetivas ações judiciais em Tribunal pela administração, que foi discutido e **aprovado por maioria dos presentes com 2 abstenções e um voto contra**.
– Ponto 8 da Ordem de Trabalhos – Análise e aprovação do valor das comparticipações mensais para o ano de 2024 depois da discussão a assembleia decidiu a manutenção do valor da quota mensal de 20 euros (vinte euros) por parcela para o ano de 2024 tendo este ponto sido pelos presentes **aprovada por maioria, com 1 abstenção e 4 votos contra**.
– Ponto 9 da Ordem de Trabalhos – Outros assuntos de interesse para a urbanização. Neste ponto podem ser discutidas propostas a apresentar à Assembleia Geral e desde que aprovadas por esta por maioria qualificada, neste ponto, **não foi apresentada ou discutida qualquer proposta**.

Para conhecimento geral se publica o presente que vai ser afixado nos locais habituais estabelecidos por lei.

Pinhal das Formas, 2 de julho de 2024

O Presidente
Joaquim Lucas

Kylian Mbappé à imagem de Ronaldo. O mesmo sonho e objetivos no Real Madrid

SANTIAGO BERNABÉU Apresentação do francês perante cerca de 80 mil pessoas seguiu o guião da cerimónia que, há 15 anos, coroou o seu ídolo, CR7. Avançado vai vestir a camisola 9 e receber 15 milhões em salários por época.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Parecia dia de jogo no Estádio Santiago Bernabéu, mas a enchente era para a apresentação de Kylian Mbappé como jogador do Real Madrid. "Uau, é incrível estar aqui. Dormi muitos anos com o sonho de jogar no Real Madrid e hoje [ontem] realiza-se o meu sonho. Sou um rapaz muito feliz, muito feliz", confessou o avançado francês, de 25 anos, perante cerca de 80 mil adeptos.

A apresentação de Mbappé superou a de Neymar no Barcelona em 2013 (57 mil adeptos) e a de Diego Maradona no Nápoles em 1984 (65 mil), ficando só atrás de Cristiano Ronaldo, que em 2009 levou quase 85 mil pessoas ao estádio *merengue* no dia da sua apresentação.

Mas as semelhanças entre os dois eventos foram mais do que evidentes. Embora separados por 15 anos, a apresentação de CR7 e a de Mbappé seguiram o mesmo guião. Se em 2009 o presidente Florentino Pérez chamou Eusébio para apadrinhar o anúncio da contratação do agora capitão da seleção vindo do Manchester United, ontem foi Zinedine Zidane que recebeu o compatriota no palco do "maior clube da história" do futebol. "Sei que foi difícil, mas estou aqui, sou um jogador do Real Madrid e toda a minha família está feliz, com a minha mãe a chorar...", atirou Mbappé perante uma plateia em que os pais estavam na primeira fila.

Mbappé com o presidente do Real Madrid, Florentino Pérez.

EPA / BALLESTEROS

Um dos gestos de Ronaldo que Mbappé repetiu.

O avançado francês terminou apelando aos adeptos para gritarem em uníssono "1, 2, 3... *Hala Madrid*", à semelhança do que havia feito Ronaldo em 2009. Até o gesto do levantar os braços que precedeu o grito foi idêntico. "É uma homenagem ao Cristiano, o meu ídolo de criança. Agora tenho a sorte de ele ser meu amigo, dá-me muitos conselhos, estamos sempre em contacto, e é um privilégio. Marcou a história do Real Madrid", explicou.

E Ronaldo esteve sempre presente. Até na altura em que passavam nos ecrãs gigantes os feitos históricos dos *blancos*, assim que surgiu CR7 na conquista da Liga dos Campeões de 2016, ouviu-se o célebre '*Siiii*'.

Mbappé tem o português como ídolo e repetiu gestos e palavras. "Estou muito feliz por estar aqui e para mim realizei o meu sonho de criança, que era jogar pelo Madrid", disse CR7 na sua primeira intervenção em 2009. Uma frase que lembra o sonho que Kylian Mbappé disse cumprir agora: "É um prazer ser um rapaz que tinha um sonho e, agora estar aqui, é um privilégio."

A principal diferença entre Ronaldo2009 e Mbappé2024, além do ordenado (9 milhões do por-

Mbappé foi apresentado com quase 80 mil adeptos nas bancadas.

tuguês contra os 15 do francês) é o currículo. O português fez-se gigante no Real Madrid, onde chegou com 24 anos, uma Bola de Ouro e uma *Champions*. E saiu com três Bolas de Ouro, cinco *The Best* e cinco *orelhudas*.

O francês já foi Campeão do Mundo, mas ainda procura a primeira Liga dos Campeões e a primeira Bola de Ouro e o *Prémio FIFA The Best*. "Estou no melhor sítio para ganhar títulos, mas a minha prioridade agora é adaptar-me à equipa, o que é a chave, o resto chegará de forma natural. Os meus objetivos não são diferentes dos do clube. É sempre ganhar títulos. Espero que os ganhem comigo também. Não gosto de fixar um objetivo de golos, se tiver de dar assistências também as darei. O Real Madrid é sempre favorito na *Champions*", atirou o francês, que partiu o nariz no Euro2024, mas de "certeza" que irá jogar a Supertaça Europeia, com a Atalanta, a 14 de agosto.

Foi apresentado com o número 9 nas costas, o mesmo que Cristiano Ronaldo vestiu no seu início e até Raúl sair e libertar o 7. "Quem disse que eu queria o número 10? É do Modric, que ganhou a Bola de Ouro [em 2018], e estou contente por tê-lo ao meu lado no balneário. Não olho para a camisola, só para o que está à frente, a baliza. A parte de trás da camisola é-me igual. [O 10] é um número importante, mas isso não é o mais importante para mim", garantiu o ex-PSG.

100

Milhões de euros de prémio de assinatura de um contrato de cinco anos. Kylian Mbappé vai auferir um salário anual de de 15 milhões de euros, segundo o jornal *Marca*.

Durante a apresentação foram vários os momentos em que o avançado francês declarou o seu amor ao Real Madrid. E isso mesmo foi destacado pelo presidente do Real Madrid, Florentino Pérez. "Zidane, há 12 anos convidaste uma criança para vir à Cidade do Real Madrid e hoje é ela a protagonista. Chegou o momento de dar as boas-vindas a um jogador excecional, que vem para nos ajudar a continuar a ganhar. Um jogador que cumpre o sonho de uma vida."

Por cada uma das cinco temporadas em Madrid, Kylian Mbappé vai auferir um salário de 15 milhões de euros (teto salarial imposto por *La Liga*, segundo o jornal *Marca*), mas será compensado com um prémio de assinatura de 100 milhões de euros – 20 milhões anuais durante a vigência do contrato – e mais alguns pelos direitos de imagem, cujo valor é desconhecido.

O avançado chega ao Real Madrid depois de sete temporadas no Paris Saint-Germain, numa carreira em que vestiu ainda as cores do Mónaco, o seu primeiro clube profissional, depois do AS Bondy. Os 256 golos que marcou em sete épocas no emblema parisiense, onde conquistou 17 troféus, são um bom cartão de entrada no Bernabéu, onde tentará fazer esquecer Cristiano Ronaldo, que fez 451 golos em 438 partidas.

isaura.almeida@dn.pt

Philipsen vence etapa e Pogacar mantém distâncias

O belga Jasper Philipsen (Alpecin-Deceuninck) somou ontem a terceira vitória na atual Volta a França, ao ganhar ao *sprint* a 16.ª etapa, marcada pela queda do camisola verde Biniam Girmay na aproximação à meta. O belga de 26 anos festejou a nona vitória da carreira no *Tour*. Na classificação geral, o camisola amarela Tadej Pogacar (UAE Emirates) manteve as diferenças para os mais diretos perseguidores – 3.09 minutos para Jonas Vingegaard e 5.19 sobre Remco Evenepoel –, e o português João Almeida o quarto lugar.

MARCO BERTORELLO / AFP

FC Porto aplica nova chapa 4. Desta vez a vítima foi o Al Arabi

GOLEADA Quarto jogo, quarta vitória com quatro golos marcados, desta vez no primeiro particular realizado no estágio, na Áustria.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

O FC Porto venceu ontem o Al Arabi, do Qatar, por 4-0, no primeiro jogo particular inserido no estágio que os dragões estão a realizar na Áustria. Foi também o primeiro teste realizado à porta aberta, depois de três triunfos em jogos de treino diante de Sanjoanense (4-0), Desp. Chaves (4-0) e Nacional (4-1).

O treinador Vítor Bruno utilizou de início o seguinte onze: Cláudio Ramos, Martim Cunha, Fábio Cardoso, Gabriel Brás, João Mário, Nico, Grujic, Romário Baró, Rodrigo Mora, Namaso e Toni Martínez.

O primeiro golo surgiu logo aos quatro minutos, com Grujic a assistir Namaso, que em velocidade bateu os defesas adversários e o guarda-redes. Ainda na primeira parte, os dragões criaram mais algumas situações de perigo, através de um remate de Rodrigo Mora (35') que o guarda-redes Alhail defendeu para canto. E no minuto a seguir, com um cabeceamento de Nico González à trave.

Com o presidente André Villas-Boas em Portugal a assistir ao jogo na inauguração da Casa do FC Porto de Arouca, os dragões entraram com a mesma equipa para a segunda parte e com um novo golo logo a abrir, desta vez da autoria do espanhol Toni Martínez, com um remate de primeira após passe de João Mário.

Sempre superior, diante de um adversário que tinha como figura maior o antigo internacional italiano Marco Verratti, os dragões chegaram ao terceiro aos 60', novamente com João Mário a fazer a assistência para outro espanhol faturar, desta vez Nico González, com um remate forte da zona de penálti.

Pouco depois, Vítor Bruno mexeu na equipa e fez entrar de uma só vez nove jogadores: Fran Navarro, Iván Jaime, Galeno, André Franco, Gonçalo Borges, Alan Varela, Otávio, Zé Pedro e Gonçalo Sousa. As oportunidades foram mais escassas, mas, mesmo assim, o FC Porto chegou ao quarto golo por Fran Navarro, num *lance* iniciado numa grande jogada de Iván Jaime, que deixou em André Franco para o espanhol Fran Navarro faturar. O apito final chegou com os dragões aplicarem novamente chapa quatro no quarto jogo consecutivo nesta pré-época.

O próximo teste em solo austríaco é na sexta-feira, diante do Áustria de Viena.

César Mourão
"Tive muita preocupação para não ter uma linguagem televisiva"

CINEMA Uma estrela dos palcos e da TV sem medo de passar para trás das câmaras. Na comédia *Podia Ter Esperado por Agosto*, César Mourão atua e dirige um filme que quer ser *blockbuster* na semana a seguir aos recordes de bilheteira de *Divertida Mente 2*, da Disney. Ao DN diz que foi uma estreia natural depois de já ter realizado um documentário sobre Paulo Futre. Estreia-se amanhã.

ENTREVISTA **RUI PEDRO TENDINHA**

Em *Podia Ter Esperado Por Agosto* César Mourão convida o espectador a viajar até ao Soajo, no norte de Portugal, uma bela aldeia onde um sacristão (Mourão) vive atormentado pela paixão que tem por uma rapariga (Júlia Palha) de Lisboa que passa todos os verões na casa do avô. A estratégia do rapaz passa por criar um engodo para ela vir para o Soajo mais cedo, nem que para isso tenha de mentir.

Trata-se de uma fórmula de comédia romântica com mais intriga do que humor num filme que,às vezes, parece um anúncio ao Turismo de Portugal, mesmo quando no último terço se redime com alguma soluções de argumento e uma genuína inocência romântica. Nesta conversa, Mourão conta as razões pelas quais quis ser ele a realizar o filme.

Tem dito que é uma comédia romântica, mas *Podia Ter Esperado por Agosto*, tem também algo da dita comédia à portuguesa com todo o seu jogo de equívocos. Aceita isso?
Aceito, mesmo considerando que não é só a comédia romântica a ter os equívocos. Posso dizer que a meio da escrita chegámos a pensar em muitas alternativas. Confesso que seria fácil tentar ser diferente ou disjuntivo, tentando dar um final diferente àquilo que se perceciona como comédia romântica ou transformar a história a meio para outra coisa. No final, decidimos assumir que é uma comédia romântica com os seus padrões e a sua abordagem mais normal. Enfim, não quisemos inventar nada. Tentámos fazer *by the book* a comédia de enganos ou a antiga comédia de portas que se mistura com a comédia romântica.

Assume também que tenta ir pelos territórios de *A Gaiola Dourada*, de Ruben Alves?
Fiquei muito contente por ver o Ruben e a Rita Blanco na antestreia. Quando os vi pensei nisso, mas não é consciente, ainda que o facto de termos o Kevin Dias no elenco as coisas se misturem um pouco: ele é luso-francês… Mas atenção que ser comparado a esse filme deixa-me muito honrado. Na escrita e na execução não quisemos seguir esse caminho ainda que na abordagem do humor comparávamos um pouco com *A Gaiola Dourada*.

> *"Não tenho medo da palavra comercial e em Portugal ainda há uns pruridos com essa palavra. Para mim, comercial é obviamente chegar a todos com o mesmo rigor e profissionalismo".*

Quando o convenceram a ser o realizador deste projeto deu por si a pensar que agora estava a entrar num território novo, que estava a entrar no universo do cinema, tipo: "Olha-me este a querer ser cineasta"?
Pensei, pensei. A linguagem que tinha com o cinema era apenas enquanto ator. Mesmo aí estive sempre atento a tudo o que estava à minha volta. Sempre fui daqueles que perguntava qual a objetiva que se usava e o que será o plano antes… Ou por que é que a luz está ali, porque o enquadramento é esse. Encarei este desafio com muito respeito pela arte cinematográfica. As ideias mais arriscadas que se vêm no filme partiram da minha cabeça sem ter certezas, mas eram ideias que imaginei muito. O plano-sequência inicial foi muito um batalha minha. Tive muita preocupação para não ter uma linguagem televisiva. O problema é que os nossos orçamentos não abundam e muitas vezes as decisões são feitas em função da falta de orçamento. Muitas vezes poderia ter querido fazer uma cena com 8 ou 9 planos e tive de fazer com uns 4. Ainda assim, sinto que se sente uma abordagem mesmo de cinema. Aqui e ali temos realmente planos de cinema e o compromisso foi fazer os planos mais interessantes possíveis *versus* o tempo e o orçamento possível.. Acredito que mesmo quem não seja desta área vai ver e sentir uma diferença em relação à estética da televisão.

Mas não acha que vai ser olhado de lado por vir, sobretudo, da televisão?
Sim e percebo, mas não é algo que me preocupe muito, nomeadamente nesta altura da minha vida. A verdade é que não estou com medo, mas claro que quando vi o Ruben Alves e outros realizadores na sala acabei por pensar nisso. Acho é que grandes realizadores portugueses, quando virem o filme, vão acabar por respeitar o nosso trabalho e o nosso rigor.. Não foi, de todo, filmado à balda e ninguém pode dizer que foi feito com falta de empenho. Não fizemos este filme à pressa, apenas em duas semanas e com o meu nome para encher salas.

E a parte romântica de ser realizador de cinema? De ter feito uma longa-metragem? Já se tinha imaginado nesta situação?
Quando me chamam realizador ainda acho meio estranho, mas não escondo que não tenha sonhado um dia em realizar para cinema, ser cineasta. É o tal romantismo, mas há aqui um processo muito natural. Por trabalhar com improviso há muita gente que não imagina que em tudo o que faço há planificação, em especial com as marcações e com o texto. Sou um obcecado pelo *raccord*! Não me interessava fazer apenas qualquer coisa. O que está ali é o meu gosto. Além do mais, tive uma equipa muito competente comigo.

Muitos do meio do cinema reclamam com o proliferar de planos com *drones*. O seu filme está cheio de sequências filmados por *drone*…
Tivemos muitas dúvidas se trazíamos para o cinema *drones*. De início, não queria e decidiu-se não usar, mas a dada altura percebemos que para a cena inicial era importante um *drone* para se perceber a dimensão e onde estaria situado aquele cemitério. E não fomos para um *drone* qualquer, recorremos à pessoa que melhor opera *drones* em Portugal.

Há *drones* e *drones*?
Não se sente o *drone* a abanar muito, tivemos esse cuidado e rigor. Não foi nada barato… Depois de o termos na mão experimentámos algumas coisas, mas tudo de *drone* que aqui aparece é narrativo e não apenas para mostrar o Soajo.

O facto de ser mais velho do que

César Mourão, na imagem com Júlia Palha, realizador sem medo num projeto feito com a SIC e a Prime.

"Quero chamar as pessoas que costumam ir ao cinema, mas sei que o importante é chamar aquelas que já não vão, sobretudo numa altura em que há menos gente a ver filmes nacionais."

Júlia Palha foi uma reticência na altura do *casting*?
Obviamente que foi uma reticência na escolha, mas até agora ainda ninguém protestou, coisa que atesta a minha juventude... Quando fiz na SIC o *Vale Tudo*, com ela, percebi que, em cena, tínhamos uma química interessante. Na altura, na fase de escrita, confesso que nem pensámos nas idades. Quando fiquei eu o protagonista ainda disse: espera lá, sou muito mais velho do que a Júlia; como fazemos!? Quis ouvir – sou uma pessoa muito de ouvir – e todos os envolvidos no filme me disseram para não pensar nisso, que isto ia passar na boa. Sou honesto, não sinto no filme isso da diferença de idades [como] algo tão marcado.
Sente que a marca César Mourão chega a todos os segmentos de público? Ou pode haver aquele público dos 20 que já não adiram tão bem ao seu humor? Antes de mais, há uma marca César Mourão?
Isso não sei, mas o meu humor não é de *punchline* ou de piada sobre piada. É mais um humor que está na situação e foi assim em quase tudo. *Esperança* também tinha comédia e não era uma comédia de gargalhada, tal como este não é um filme de gargalhada. Por outro lado, não tenho medo da palavra comercial e em Portugal ainda há uns pruridos com essa palavra. Para mim, comercial é obviamente chegar a todos com o mesmo rigor e profissionalismo. Há vários tipos de comercial, o meu é no maior respeito pela palavra e na minha transversalidade para todas as idades e extratos sociais. Quanto ao público dos 20 era uma preocupação, mas a Júlia põe-nos mais perto dele e eu não me sinto ostracizado por esses jovens.
Acredito que o seu desejo é que o filme seja visto, sobretudo, pelas pessoas que já não vão ao cinema...
Quero chamar as pessoas que costumam ir ao cinema, mas sei que o importante é chamar aquelas que já não vão, sobretudo numa altura em que há menos gente a ver filmes nacionais.
E não fica algo pasmado quando recentemente comédias como *O Pai Tirano* ou o *Um Filme do Caraças* têm números fracos?
Eu não tenho esses dados para responder concretamente. Sabes que, no geral, as pessoas estão a ir cada vez menos ao cinema. Atenção, não estou a dizer que é com o meu filme que as pessoas vão voltar às salas. Por outro lado, há filmes que alavancam outros. Se este resultar talvez ajude outros filmes... Ainda no outro dizia ao Markl que nós, em Portugal, temos a tendência para combater uns contra os outros. Temos de nos unir e alavancar-nos uns aos outros. Este filme pode fazer este trabalho. Deus queira que o faça!
Tem noção de que uma versão para cinema da série *Esperança* era bem mais apetecível?
Já tinha pensado nisso e está no meu horizonte. Mas para fazer aquela personagem são muitas horas de caracterização e não se consegue fazer em cinco semanas. As pessoas têm de ter a noção de que um orçamento maior dá mais tempo, mais qualidade.
O seu grupo de humor de improviso, os Comédia *à la Carte*, continua a esgotar temporadas e já chegou ao Meo Arena. Será que o próximo caminho é agora um estádio?
Essa é a conversa que estamos a ter agora, mas para, se calhar, depois, nunca mais fazermos mais nada. Ou seja, ser o nosso último espetáculo de sempre.
Aquela coisa de sair em beleza?
Sair em beleza – tudo tem uma finitude. Falo com eles todos os dias sobre isso.
Que tipo de humor nacional o faz rir? Está atento aos fenómenos *Geirinhas* ou *Pôr-do-Sol*?
Acho piada a muita coisa. O Guilherme e a série *Pôr-do-Sol* fizeram-me rir! Até fico com um pouco de inveja: por que é que não sou eu!? E admiro muito pessoas como o Bruno Nogueira, o Ricardo Araújo Pereira ou o Salvador Martinha.
Já agora, a cultura *woke* está a matar o humor?
Não! Sinto que está a tornar o humor inclusivo e a levá-lo para outros temas. A matar não está mesmo, apenas a torná-lo diferente.

***Podia Ter Esperado por Agosto*, uma comédia que acredita nas virtudes do romance mais *naïf*.**

Opinião
Ana Paula Laborinho

Um pacto com o futuro

Christine Lagarde, atual presidente do Banco Central Europeu (BCE) e presidente do Fundo Monetário Internacional (FMI) entre 2011 e 2019, esteve há poucos dias em Portugal, mais precisamente em Sintra, onde decorreu o fórum dos governadores dos Bancos Centrais Europeus, desta vez subordinado ao tema *Política monetária numa era de transformação*. No final, deu uma entrevista em que talvez tenha explicado como se fará essa transformação da política monetária, mas a informação mais aguardada era se as taxas de juro iriam diminuir. A presidente do BCE manteve a incerteza.

Não pude deixar de recordar os funestos tempos da *troika* em Portugal. O *Memorando de Políticas Económicas e Financeiras*, que visava o equilíbrio das contas públicas de Portugal (e era a condição para o empréstimo de que o Estado precisava), foi estabelecido em 2011 com a participação da Comissão Europeia, o BCE, na altura presidido por Mario Draghi, e o FMI de Christine Lagarde.

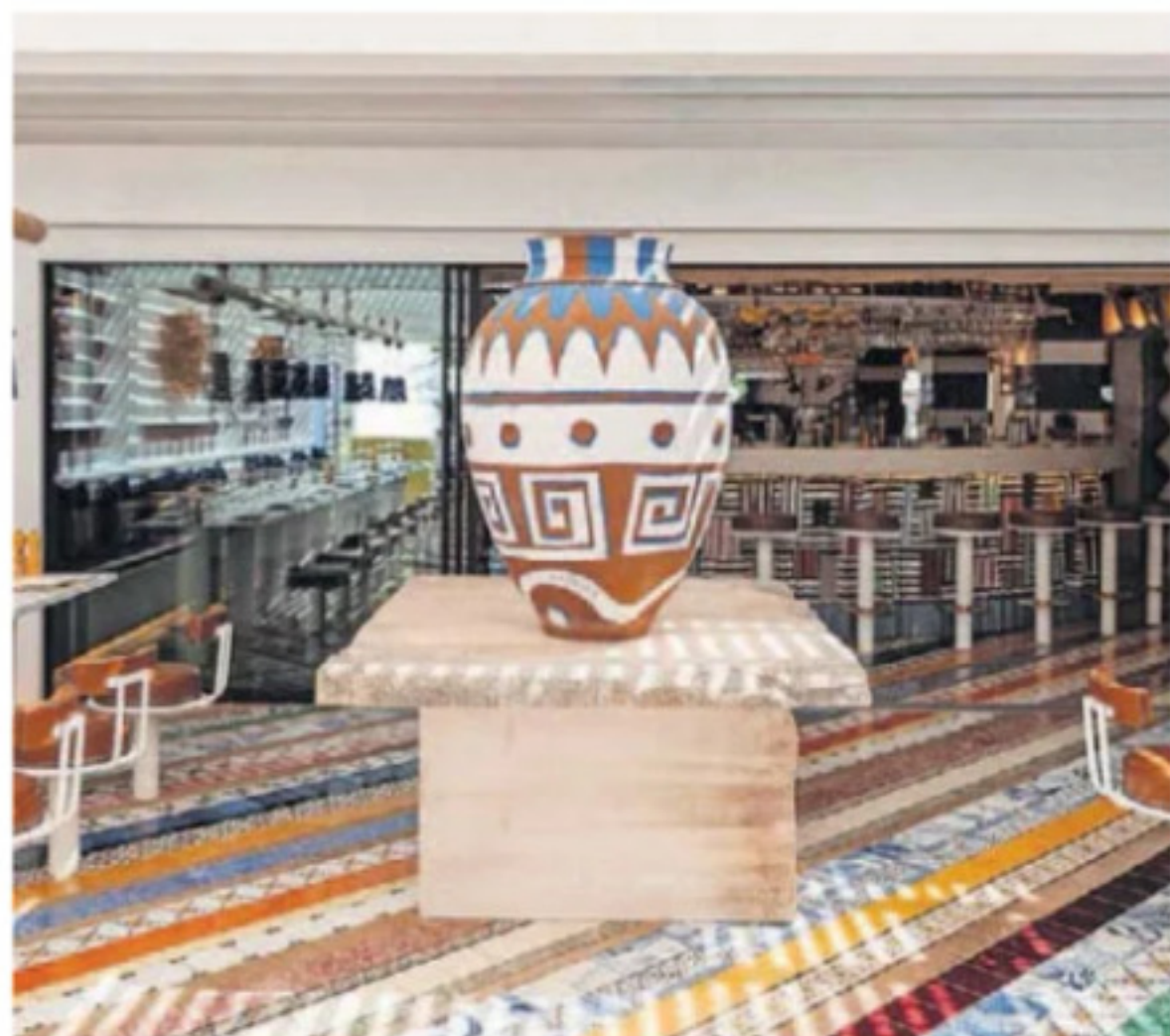
Foram tempos muito sofridos em que houve declarações desajeitadas sobre os PIGS (Portugal, Itália, Grécia, Espanha) – feios, porcos e maus – que assim eram tratados e retratados, com pouca ou nenhuma sensibilidade pelo sofrimento das pessoas. Estudos académicos mostram que a receita de austeridade aplicada aos países não teve o efeito esperado e aumentou desigualdades. Portugal foi considerado um caso de sucesso, mas ainda está gravado a fogo na memória coletiva.

Por isso se torna tão urgente a mudança das instituições multilaterais, entre as quais o FMI, um dos temas da *Cimeira do Futuro* convocada por António Guterres para setembro próximo. Talvez no momento mais difícil desde que, no pós-guerra, se constituíram os principais organismos multilaterais, o secretário-geral das Nações Unidas continua a lutar por uma agenda comum que permita melhorar a cooperação internacional, única forma possível de concretizar as ambições e os objetivos que salvaguardem o futuro.

Nenhum país conseguirá alcançar essas metas por si só. Essa a razão por que importa revigorar o multilateralismo, o que implica reformar o sistema multilateral, as suas formas de decisão e intervenção. O debate internacional estende-se aos modelos de avaliação dos países, centrados até agora nos indicadores do PIB, estando a surgir índices de bem-estar que trazem novas perceções.

Também a presidência brasileira do G20 estabeleceu como prioridade a mudança de perspetiva das instituições multilaterais com destaque para a reforma do Sistema Financeiro Global de forma a não aprofundar as desigualdades sociais.

Vivemos um contexto complexo, marcado pela frustração, o medo, a desilusão, mas não nos encerremos no apocalipse. Precisamos de restaurar a confiança mútua e, sobretudo, deixar um mundo possível para as gerações futuras. É esse o pacto com a Humanidade.

Diretora em Portugal da Organização de Estados Ibero-Americanos

Ousadia e portugalidade cruzam-se neste espaço, que se apresenta como uma alternativa para qualquer hora do dia. Na parede, junto ao teto, alinham-se enormes vasos pintados à mão pela artista de Beja Susa Monteiro.

Um luxo tipicamente alentejano

GASTRONOMIA O grupo JNcQUOI abriu mais um espaço, desta feita na Comporta, não muito longe de um outro que inaugurou no verão passado. Uma recriação irreverente de uma tasca típica alentejana feita com o melhor que o artesanato da região tem para dar.

TEXTO **SOFIA FONSECA** FOTOS **HENRIQUE ISIDORO**

Pode nem parecer, mas um olhar mais atento e informado comprova que a nova aposta do grupo JNcQUOI na Comporta está impregnada de ingredientes do Alentejo, numa homenagem à região. Mas aqui também há descontração, irreverência e luxo. O Deli Comporta apresenta-se como uma aposta para todas as horas do dia, do pequeno-almoço a uma noite dançante.

As cores vibrantes e as linhas geométricas saltam à vista nesta reinterpretação de uma típica tasca alentejana feita por Jean Philippe Demeyer – *designer* de interiores belga que já antes criou a atmosfera surpreendente do Frou Frou, dentro do JNcQUOI Asia. No chão alinham-se, numa composição gráfica, os azulejos Viúva Lamego, nas janelas pendem cortinas confecionadas pela associação A Avó Veio Trabalhar, na parede, junto ao teto, alinham-se enormes vasos pintados à mão pela artista de Beja Susa Monteiro, na mesa, as loiças regionais, feitas à mão, são da Olaria Piçarra, do Redondo. Finalmente, o teto é feito e pintado à mão, em gesso, com o objetivo de imitar os tetos em colmo, característicos daquela zona.

Ousadia e portugalidade cruzam-se neste espaço, que se apresenta como uma alternativa para qualquer hora do dia, seja para um pequeno-almoço, seja para uma bebida depois de um banho, seja para uma refeição ligeira, seja ainda para um jantar em família.

O Deli Comporta tem diferentes espaços, perfeitos para as várias alturas do dia: duas zonas exteriores, a esplanada e o terraço coberto, e uma sala principal com capacidade para 43 pessoas, além do chamado Counter Deli, onde se pode fazer uma refeição mais descontraída ao balcão e que tem uma Jukebox Vintage da Marshall e atuações diárias de *DJ*.

A carta é da autoria do *chef* Jerónimo Ferreira, responsável pelo *hub* JNcQUOI na Comporta. O pequeno-almoço é servido à carta entre as 09.00 e as 12.00 horas. Ao longo do dia, além de uma seleção de saladas e *sandwiches*, está disponível uma carta de petiscos e pratos leves, com especial destaque para a *Cecina "El Capricho"* com melão (24€), o *Carpaccio* de gamba com salada de batata e ovas de salmão (35€), o Carabineiro com ovo a cavalo (45€) ou a Cabeça de xara com salada *Kartoffel* (25€).

Como pratos principais, destaque para a Costeleta de vitela panada com tomatada Alentejana e *Stracciatela* (42€), o Tamboril barriga preta *Pil-Pil* (38€), o Camarão tigre com arroz JNcQUOI (45€) e as Bochechas de porco preto com puré trufado (37€). Alguns dos mais emblemáticos pratos JNcQUOI, nomeadamente a Salada JNcQUOI (39€), o Hambúrguer JNcQUOI (23€) ou o Bife com *Morilles à La Crème* (42€), também lá estão.

Para finalizar a refeição, o *chef* Jerónimo Ferreira sugere Mousse de chocolate com *mascarpone* e amareto (12€) ou Tarte de chocolate amargo e alfarroba (11€).

Para uma experiência mais completa, ainda este verão vão abrir no último piso do edifício duas *suites* exclusivas.

Mais uma aposta do grupo, nascida a curta distância do JNcQUOI Beach Club, que o grupo abriu no verão passado na Praia do Pego, e ao lado da Fashion Clinic Comporta.

Diario de Noticias

O sentimento das responsabilidades

NO PAÍS IRMÃO

A revolução em S. Paulo

UMA OBRA PATRIOTICA

HEROIS DO AR

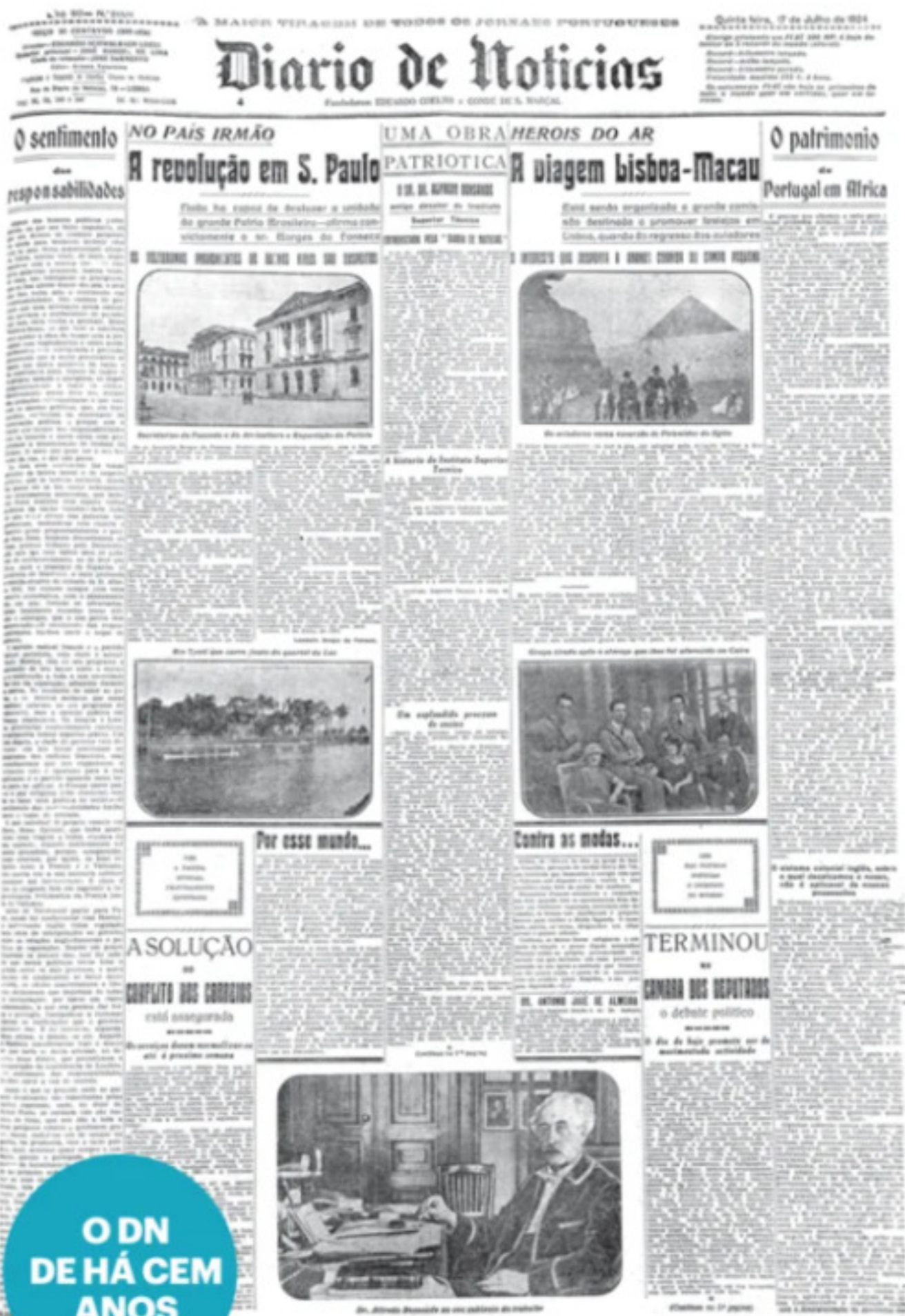
A viagem Lisboa-Macau

O patrimonio de Portugal em Africa

Por esse mundo...

Contra as modas...

A SOLUÇÃO DO CONFLITO DOS CARREIROS

TERMINOU NA CAMARA DOS DEPUTADOS o debate politico

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 17 DE JULHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)

UMA OBRA PATRIOTICA

O SR. DR. ALFREDO BENSAUDE

antigo director do Instituto Superior Técnico

ENTREVISTADO PELO "DIARIO DE NOTICIAS"

O sr. dr. Alfredo Bensaude, antigo director do Instituto Superior Tecnico, é um destes homens raros que sabem transformar os sonhos em certezas. A sua obra dentro da Escola que dirigiu e criou é uma das mais belas obras educativas que se têm realizado em Portugal. Não é êle que o diz; não somos nós que o dizemos... Ha dias foram os seus melhores alunos que o abraçaram, num banquete de homenagem, afirmando-lhe, carinhosamente, o seu respeito e a sua gratidão. Hoje são os seus colegas, os seus colaboradores que lhe oferecem um almoço, alegres porque vão dizer-lhe palavras de justiça, tristes porque soou a hora da despedida... O grande educador, que cumpriu a sua vida, como poucos, realizando uma obra fecunda, abandona o professorado e regressa à sua terra natal, à sua ilha florida.

O «Diario de Noticias», que procura fazer o balanço dos valores mentais da nossa raça, não podia deixar partir esse notavel realizador sem lhe ouvir umas palavras sobre os resultados da sua obra, sobre a construção desse alto monumento educativo que foi a reforma dos institutos.

O sr. dr. Alfredo Bensaude recebe-nos na sua casa da rua de S. Caetano, casa dum homem de sciencia que gosta de trabalhar num ambiente de arte... A residencia do sr. dr. Bensaude, com a sua colecção de faianças, dum azul tão português e tão puro, com os seus leques preciosos, leques que são romances, com os seus violinos tristes e romanticos, é a casa de alguem que procura estabelecer o equilibrio entre a vida e a arte.

O sr. dr. Bensaude possui a mascara dos homens que olharam muito, dos homens que guardaram tudo quanto viram dentro da retina, que foram criando rugas na ansia de abrir caminhos à vida exterior, à vida que passa...

A historia do Instituto Superior Tecnico

O sr. dr. Bensaude, que nos recebe com grandes demonstrações de estima pelo «Diario de Noticias», espera a nossa primeira pregunta. Das tantas que fomos construindo pelo caminho, tiramos uma, ao acaso, da memoria:

—O que era o Instituto Industral e comercial antes da criação do Instituto Superior Tecnico?

—Uma fabrica de empregados publicos, como a maioria das nossas escolas. Os portugueses, se quiserem salvar Portugal, precisam, acima de tudo, de produzir, de produzir muito, de produzir o mais possivel. Dá-se, porém, o contrario. Os individuos que sáem das escolas superiores marcham para a vida dispostos, principalmente, a consumir... Quer saber um dos resultados da reforma dos institutos? Os alunos do segundo ano do Instituto Superior Tecnico encontram-se aptos a ganhar a sua vida procedendo a levantamentos e a outras obras de topografia...

—O Instituto Superior Tecnico é obra de V. Ex.ª?

—Eu conto, em poucas palavras, ao «Diario de Noticias» a historia do Instituto. Em 1892, numa comissão de ensino, de que fazia parte, apresentei um projecto sobre escolas tecnicas que foi a primeira pedra do Instituto que depois dirigi. O projecto que foi discutido, que foi elogiado acabou por ser posto de lado como irrealisavel, como um sonho impossivel. Guardei-o dentro da gaveta, certo de que, um dia, seria forçado a traze-lo, de novo, á discussão. Não me enganei. Implantou-se a Republica, Batalha Reis, um grande amigo, conhecedor das minhas ideias, falou do meu projecto a Brito Camacho, que andava com desejos de criar uma escola de engenharia. O inteligente ministro do Fomento do Governo Provisorio, a quem Portugal ficou devendo um estabelecimento de ensino modelar, chamou-me imediatamente e encarregou-me de realizar a obra sonhada, a obra que tinha os seus alicerces no projecto de 92...

Um explendido processo de ensino

—Quais as grandes linhas da reforma, quais as bases principais do Instituto Superior Tecnico?

—E' preciso que o «Diario de Noticias» e os seus leitores saibam que eu não inventei nada... Procurei apenas adaptar a Portugal os processos modernos de ensino que me foram revelados pelas minhas leituras e pelas minhas viagens ao estrangeiro. Procurei conseguir, antes de mais nada, que os meus alunos perdessem o automatismo habitual dos estudantes portugueses e passassem a raciocinar, a expôr e a demonstrar as suas ideias... Estabeleci, em seguida, uma colaboração intima entre o professor e o discipulo. Aboliu-se a catedra. O professor, perante o aluno, passou a ser o irmão mais velho, o irmão que sabia mais porque tinha vivido mais... Seleccionei, com o maior rigor, os professores da minha escola. Não os fui escolher entre os talentos esperançosos, mas sim entre os homens que já tinham dado provas da sua competencia profissional e da inteireza do seu caracter. A missão do professor não é apenas uma missão docente, é tambem uma missão educativa. A minha obra, a obra dos meus colaboradores foi completada com o desenvolvimento do ensino prático, dos trabalhos nas oficinas, da aprendizagem tecnica. Não imagina com que rapidez a obra começou a dar os seus frutos... Três anos depois do Instituto inaugurado, os resultados eram visiveis, palpaveis. Em 1917 o Instituto Superior Tecnico podia rivalizar com as melhores escolas de engenharia da Europa. Não é vaidade. A opinião não é minha, mas do director da Escola Naval de Genova. Dois antigos discipulos do Instituto, Sá Nogueira e Avila de Melo, deram as suas provas naquela escola. A proposito dessas provas, o director da Escola de Genova, o professor sr. Scribanti, escreveu-me uma carta onde ha esta passagem que honra os srs. Sá Nogueira e Avila de Melo e honra, ao mesmo tempo, a escola que os diplomou: «Convencemo-nos de que a sua preparação scientifica nada deixa a desejar para os fins dos nossos estudos e, mais de uma vez, sentimos desejo que todos os alunos nossos patricios trouxessem igual preparação matematica».

—Trata-se, na verdade, dum alto documento, dum documento honroso para todos os portugueses...

—Ha poucos dias ainda tive uma prova comovente dos bons resultados dos meus esforços. Quarenta alunos meus oferecêram-me um banquete que me impressionou, que quasi me fez chorar... Esses quarenta homens que eu eduquei, que eu dirigi, estão hoje à frente das principais industrias do país... Ao contemplá-los, ao sentir perto de mim essas forças vivas da minha terra, quasi me senti vaidoso...

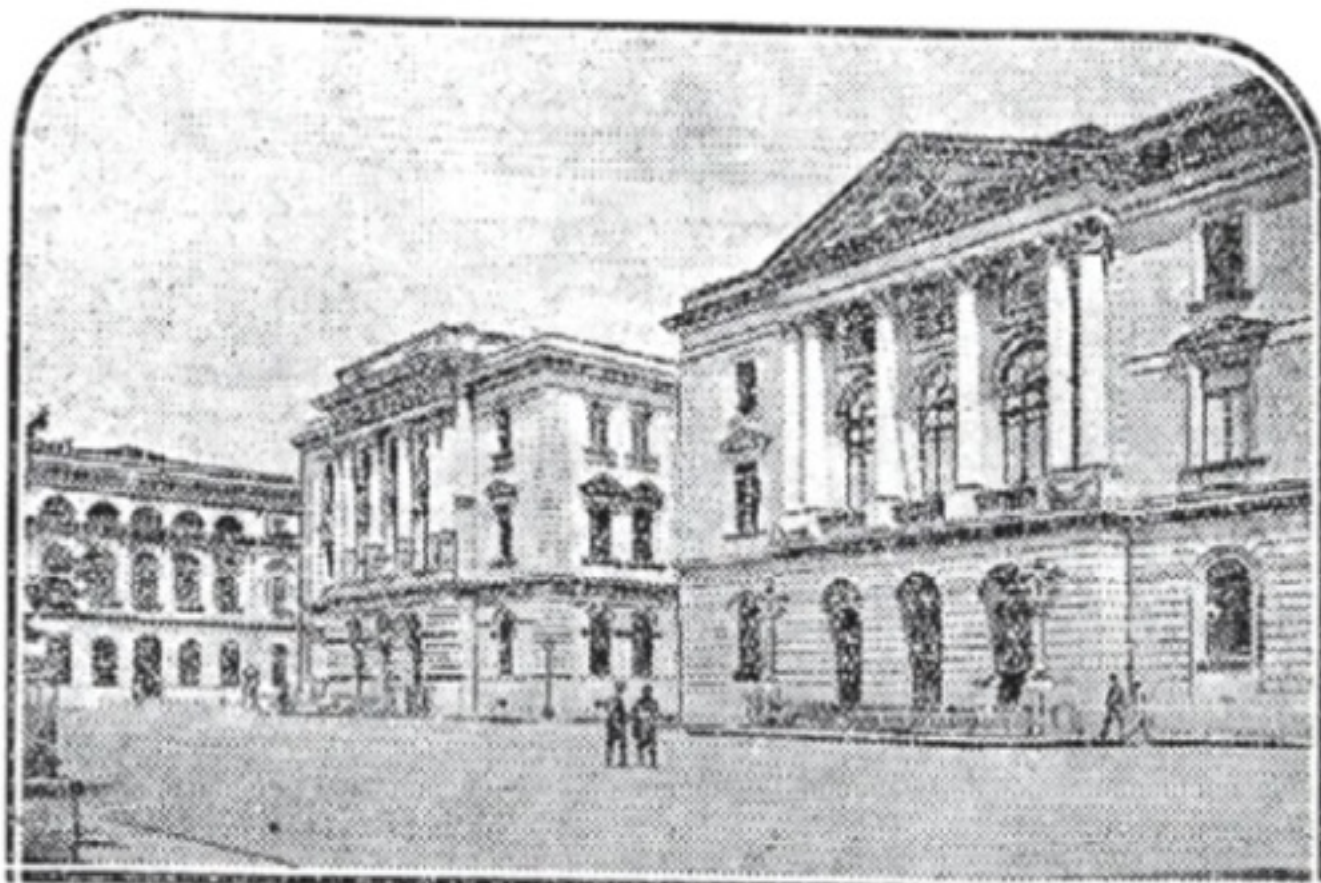
*

Continua na 2.ª pagina

NO PAÍS IRMÃO

A revolução em S. Paulo

Nada ha capaz de desfazer a unidade da grande Patria Brasileira—afirma convictamente o sr. Borges da Fonseca

OS TELEGRAMAS PROVENIENTES DE BUENOS AIRES SÃO SUSPEITOS

Secretarias da Fazenda e da Arricultura e Repartição da Policia

Do sr. Landulfo Borges da Fonseca, ilustre consul geral do Brasil em Portugal, recebemos a seguinte carta, a que gostosamente damos publicidade:

Os acontecimentos que as vicissitudes da politica brasileira desencadearam na cidade de S. Paulo têm excitado a imaginação de certos forjadores contumazes de patranhas internacionais, que visam a empanar o renome do meu país.

E' assim que, nestes ultimos dias, a nobre imprensa portuguesa acolhe nas suas honradas colunas, pela manhã e á tarde, telegramas originarios de Buenos Aires, dos quais o publico pode talvez deduzir que a patria brasileira se está desagregando por uma das suas mais belas e pujantes regiões.

Entretanto, como é notorio, já o Governo Federal, num dos seus primeiros comunicados, claramente deixou estabelecido que o movimento insurreccional se filia em incidencias da politica local.

Vemos, pois, a ilustrar a opinião portuguesa, duas fontes de informação: uma, o Governo do Brasil, com a autoridade que lhe é propria; outra, uma entidade anonima, da qual se não conhecem os individuos que a constituem, e todavia é a que tem provido os diarios europeus das versões mais graves, acentuadas, ás vistas do leitor desprevenido, pela composição tipografica em caracteres de sensação.

Sem dispôr de outros dados, aliás não indispensaveis, além dos que emanam da fonte oficial, corroborados pelo conhecimento pessoal das coisas do meu país, venho denunciar como infundados e de má fé urdidos todos os boatos lançados através do espaço sobre a imprensa europeia, com o fim evidente de gerar duvidas quanto ao sentimento brasileiro da coesão nacional.

Ha-de decerto existir por esse mundo, não pouco avilanado pela inveja, assim nas colectividades como nos individuos, quem se não sinta feliz com a grandeza do Brasil; mas indubitavelmente não ha na minha patria criminosos de tal ordem, que tentem levar por diante o desmembramento dum palmo sequer do seu territorio.

Herdámos dos nossos maiores uma patria já formada no seu imenso organismo fisico e consolidada na sua unidade moral. Jámais, apesar das nossas lutas partidarias, perigou a sua integridade, antes lhe dilataram filhos seus eminentes as fronteiras, mercê de laudos arbitrais sancionadores dos nossos direitos seculares.

E, nesta ordem de ideias, é de notar que, precisamente um dos estimulos decisivos para a proclamação da independencia, foi a atitude das Côrtes de Lisboa pretendendo quebrar a unidade do Brasil ao instituir governos autonomos, directamente subordinados á metropole.

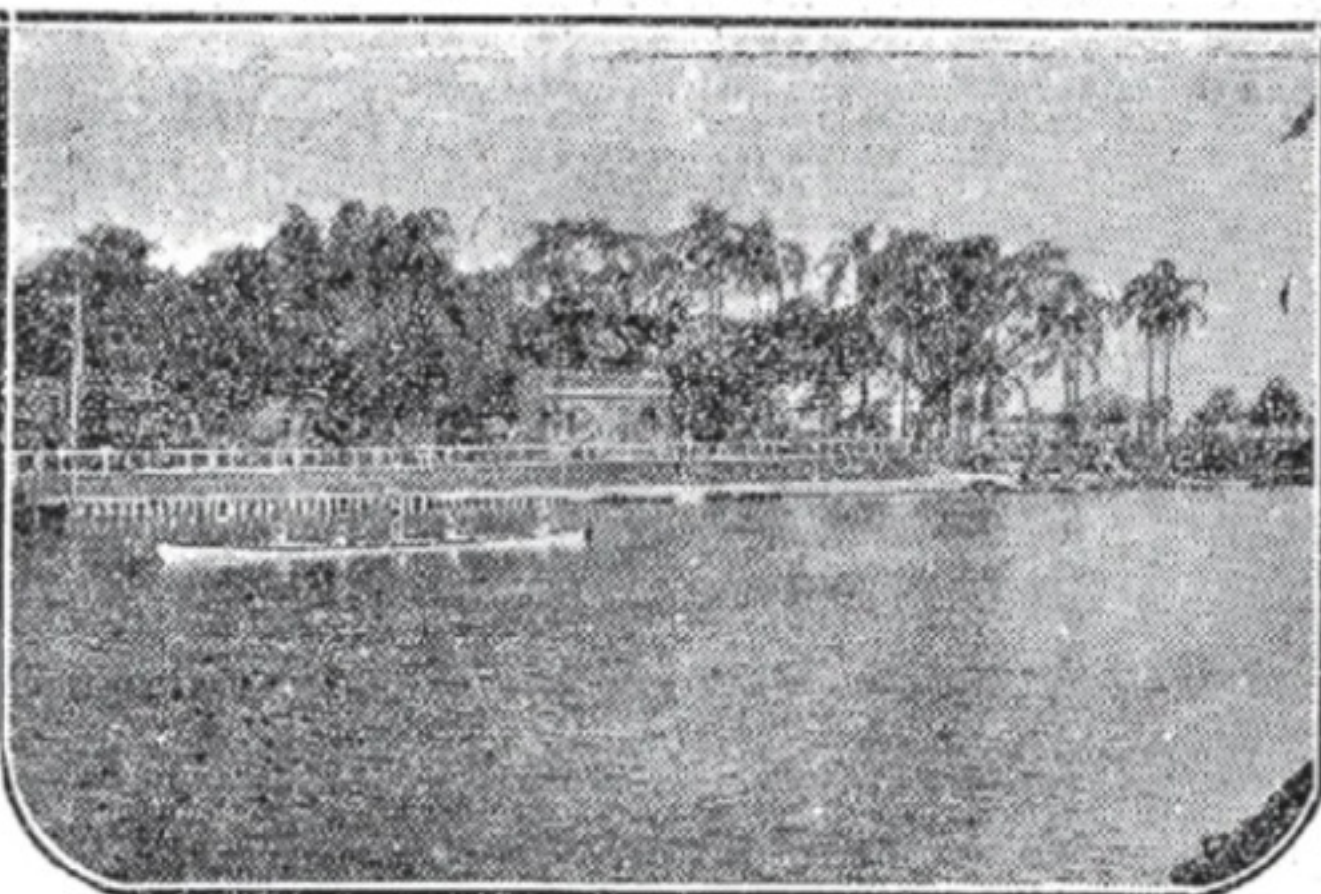
Quando um povo inscreve nos seus fastos semelhantes afirmações da sua coesão, da sua vontade de permanecer para sempre indissoluvelmente unido, conquistou o direito á estima dos outros povos, e devia estar ao abrigo de mesquinhas insidias que ferem o nosso patriotismo, mas não afectam a nossa crença nos altos destinos do Brasil.

E' como simples cidadão brasileiro que formulo esta refutação, para evitar que o silencio se torne cumplice de falsas noticias prejudiciais aos creditos do meu país.

Lisboa, 16 de Julho de 1924.

Landulfo Borges da Fonseca.

Rio Tyeté que corre junto do quartel da Luz

HEROIS DO AR

A viagem Lisboa-Macau

Está sendo organizada a grande comissão destinada a promover festejos em Lisboa, quando do regresso dos aviadores

O INTERESSE QUE DESPERTA A GRANDE CORRIDA DO CAMPO PEQUENO

Os aviadores numa excursão ás Piramides do Egito

O leitor deve concordar em que a gravura que acima inserimos e na qual figuram os três gloriosos aviadores Brito Pais, Sarmento de Beires e mecanico Gouveia não pode ser mais interessante. Com efeito, atingir o velho Reino dos Faraós em aeroplano, o mais moderno e o mais veloz meio de locomoção com o qual o homem se transforma em aguia; ilustrar uma das mais belas paginas de audacia da Historia patria num arranco admiravel; e ir visitar as Piramides, em burro, é um contraste, uma nota alegre que mais parece uma ironía, digna de ficar arquivada nas colunas do «Diario de Noticias». Aos seus soldados formados em quadrados que mais pareciam rochas, e envolvidos por espessas nuvens de ferozes mamelucos, Napoleão soltou a historica frase. Hoje, póde dizer-se que mais um seculo contemplou os nossos ardentes cavaleiros do ar, montando o mais prosaico animal que, até ao presente, tem dado cavalaria ao homem.

No Aero Clube foram ontem recebidas novas e valiosas prendas para o leilão que, com tanto exito, se está realizando no Liceu de Camões.

Entre o grande numero de cartas que se receberam no Aero Clube figuram muitas dirigidas ao major sr. Cifka Duarte, nas quais se felicita o distinto oficial pelo seu nobilitante gesto em fazer adoptar pela Aviação Militar a desditosa Francelina Violante Castelo.

Está sendo desde já organizada a grande comissão da qual fazem parte aviadores, oficiais do exercito e da armada e varias individualidades civis para promover grandes festejos em Lisboa, no proximo mês de agosto, á chegada dos aviadores.

Sabemos que em pontos varios da cidade se estão constituindo já comissões para realizar festas populares de homenagem aos gloriosos aviadores.

Começam a afluir no Aero Clube os pedidos de bilhetes para a corrida que no dia 8 do proximo mês se realiza no Campo Pequeno e cujo produto se destina á Aviação. Os nomes que figuram no programa que ontem publicámos são segura garantia do exito da corrida.

No estrangeiro, portugueses e bons amigos de Portugal continuam a enaltecer o valor do glorioso feito. Assim, o nosso ministro em Varsovia, sr. Vasco de Quevedo, tem feito uma optima propaganda da viagem aerea, publicando nos principais quotidianos da capital da Polonia, «Kurger» e «Kurger Warszovki» artigos, nos quais se valoriza a admiravel façanha dos aviadores Brito Pais e Sarmento de Beires.

O jornal dinamarquês «Poliken» publica tambem uma interessante entrevista com o representante de Portugal naquele país, sr. Ferreira de Almeida.

Grupo tirado após o almoço que lhes foi oferecido no Cairo

O ex-chefe de Governo português publicou no X esta imagem ao lado de Roberta Metsola, reeleita com larga maioria.

"Vim manifestar o meu apoio à eleição de Von der Leyen"

UE António Costa deslocou-se a Estrasburgo para convencer os eurodeputados socialistas a votar na reeleição presidente da Comissão. E congratulou Metsola.

TEXTO **LEONARDO RALHA** , EM ESTRASBURGO

O ex-primeiro-ministro português António Costa, que irá tornar-se presidente do Conselho Europeu a partir de 1 de novembro, confirmou implicitamente, na tarde de ontem, que foi à sessão inicial da legislatura do Parlamento Europeu para convencer os eurodeputados socialistas a contribuir para a reeleição de Ursula von der Leyen para a presidência da Comissão Europeia.

"Vim para manifestar o meu apoio à eleição da presidente Ursula von der Leyen na próxima quinta-feira e desejar que tudo corra bem, para podermos ter uma maioria que funcione, ao serviço dos cidadãos e da Europa", disse António Costa aos jornalistas portugueses, em Estrasburgo, numa tarde em que se reuniu com os eurodeputados do grupo dos Socialistas & Democratas, que incluem os oito eleitos do PS.

Costa aproveitou também para felicitar a maltesa Roberta Metsola pela sua reeleição para a presidência do Parlamento Europeu, destacando "o resultado histórico e muito claro" da representante do Partido Popular Europeu.

O ex-chefe do Governo publicou ainda na rede social X uma foto ao lado da presidente reeleita com o texto: "Parabéns, Roberta Metsola, pela reeleição por uma enorme maioria. Um excelente sinal de consenso democrático neste início de novo mandato."

A maltesa foi ontem reconduzida no cargo até ao início de 2027, com uma maioria de 562 votos a favor – de um total de 623 votos válidos – e 76 brancos e nulos, entre um total de 720 eurodeputados e por aclamação, na sessão plenária da assembleia europeia. Metsola fora proposta pelo Partido Popular Europeu.

Esta foi a percentagem de votos mais elevada de sempre para um presidente do Parlamento Europeu.

Contra a candidata concorreu a ex-ministra da Igualdade de Espanha, Irene Montero, proposta pela Esquerda Europeia, que recolheu 61 votos. Entre estes estiveram os eurodeputados eleitos pelo PCP e pelo Bloco de Esquerda.

Após a eleição, Roberta Metsola sublinhou a "responsabilidade de construir maiorias" no novo ciclo institucional da assembleia, vincando que trabalhará para "unir e não tentar dividir". **Com LUSA**

BREVES

Rangel em São Tomé com cooperação na agenda

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Rangel, visita oficialmente São Tomé e Príncipe, a partir de amanhã, 17, até 19 de julho. Paulo Rangel tem reuniões marcadas com o Presidente da República, Carlos Vila Nova, com o primeiro-ministro, Patrice Trovoada, e com o seu homólogo, Gareth Guadalupe. Esta deslocação ganha relevância na sequência da recente aproximação da Rússia a este país, que se encontra numa posição estratégica entre os continentes europeu, africano e americano e pela sua localização no Golfo da Guiné, uma área de crescente importância global. A 24 de abril, São Tomé assinou com a Rússia um acordo técnico militar, que fez soar os alarmes, que prevê que prevê formação, utilização de armas e equipamentos militar e visitas de aviões, navios de guerra e embarcações russas ao arquipélago. Na semana passada, o vice-ministro russo dos Negócios Estrangeiros e enviado especial do Presidente Vladimir Putin, às celebrações dos 49 anos da Independência Nacional, Mikhail Bagdanov, manifestou em São Tomé a disponibilidade total do seu país em cooperar nas áreas em que as autoridades nacionais considerem importantes.

Na agenda de Paulo Rangel está a apresentação de três projetos no domínio da cooperação na Defesa: um de assessoria à estrutura superior da Defesa e das Forças Armadas; outro com a Guarda Costeira; e um terceiro envolvendo o pelotão de Engenharia Militar, para construções. Está ainda prevista uma visita ao programa "Saúde para todos – consolidação do Sistema Nacional de Saúde de São Tomé e Príncipe, implementado pelo Instituto Marquês de Valle Flôr e financiado pelo Camões.

TAP. Frederico Pinheiro arguido e alvo de buscas

Frederico Pinheiro, ex-adjunto do antigo ministro das Infraestruturas João Galamba, foi ontem constituído arguido e alvo de buscas domiciliárias pela Polícia Judiciária. A notícia foi avançada pela TVI/CNN e confirmada pela Lusa. Em causa estão suspeitas de acesso ilegítimo a documentos classificados por parte de Frederico Pinheiro, avançando que as perícias da PJ concluíram que o antigo elemento do Ministério das Infraestruturas do governo PS fez uma cópia dos planos de recuperação da TAP e de localização do novo aeroporto, entre outros, antes de devolver o computador ao Estado através de agentes do SIS. Contactado, o ex-adjunto do gabinete de João Galamba afirmou: "Sou um cidadão que cumpre a lei."

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

56698
5 605290 023002